

SAMAMBAIA CHORONA

(Continuação de ALBERTO,
ROMANCE CONFSSIONAL)

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

Estabelecimento de
texto por Luiza Lobo

VOLUME 3

PROSA

OS MANUSCRITOS
DE Z.

RIO DE JANEIRO
LITCULTNET
2013

SAMAMBAIA CHORONA

(Continuação de ALBERTO, ROMANCE CONFSSIONAL)

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

I

Embora eu pudesse perceber o que acontecia, ficara temporariamente incapacitado de falar a linguagem do coração das mulheres. Era uma espécie de afasia afetiva que de tempos em tempos me acudia.

No início tentei lutar contra estas dificuldades. Percebi, então, que quanto maior o esforço, menores os resultados e resolvi ficar recolhido. Tentei escrever alguma coisa para preencher o tempo livre. Saíram de início alguns poemas, mas logo a fonte secou. Na partilha de nossas coisas, quando da separação de Júlia, coube-me um sítio no Recreio dos Bandeirantes, que então comecei a frequentar mais assiduamente. Às vezes dormia lá, durante a semana e quase todo fim de semana deixei-me ali ficar. Lia alguma coisa – não em excesso, porque a leitura acabava sempre por me enjoar – e tentava mexer na terra, fazendo um canteiro ou plantando. Mas o caseiro era mais hábil que eu e as coisas que eu fazia ficavam tão desalinhadas e toscas, que logo desisti. Estava literalmente sem fazer nada. Usava meu tempo para ler distraidamente os jornais e, principalmente, para fumar, torcendo que um enfisema avassalador

acabasse de uma vez comigo. Certamente, em algum outro lugar falarei sobre este fenômeno de *secura afetiva*, que muito me acode e que talvez tenha em comum com o que os místicos antigamente chamavam de *assedida*.

Para evitar um total isolamento, para o qual tendia e que poderia ter resultados até funestos, continuei a ver alguns amigos e a gente de minha família. Quando chegava à sua casa, ou quando saía com eles, ficava macambúzio e caladão. O esforço sincero que eles faziam para descobrir o que ia comigo, para me entreter ou alegrar-me não surtia efeito e acabavam por me amofinar. Reduzi as minhas saídas e resolvi esperar que o tempo se encarregasse de me fazer voltar à alegria natural. Uma tia chegou a insistir que eu procurasse um psicoterapeuta. Fiz-lhe ver que não adiantaria, porque eu já havia passado quase um quanto da minha existência frequentando os divãs e se algum resultado obtive, não havia mais por conseguir.

Nestes momentos de grande escuridão, às vezes aparecem algumas luzes, que se tomadas como um alívio momentâneo, são positivas, mas, se consideradas como a solução, apenas servem para nos fazer mergulhar mais fundo. Foram dois estes sinais, que até pareciam clarões. Não fizeram outra coisa, entretanto, senão me lançar em um abismo mais escuro.

O recado estava na minha mesa de trabalho e eu o vi logo depois do almoço. Dizia para eu ligar para Carlos Antonio, com quem eu não tinha estado há mais de cinco anos. Ele tinha sido meu colega de ginásio e, depois, embora tivéssemos seguido vias diferentes, sempre que, por acaso, nos encontrávamos, a conversa se estendia e víamos uma vez ou outra, a seguir, para depois, por um acaso pouco explicável, começarmos

de novo a nos distanciar, até um novo encontro. O irmão dele, sempre metido com a política, tinha conseguido eleger-se senador e agora parecia um forte candidato a candidato a governador.

Liguei para o Carlos e ele foi logo ao assunto: o irmão precisava de mim, queria alguém para escrever discursos e organizar alguns levantamentos. No primeiro momento, achei que aquilo seria maçante e, além disso, eu não tinha muito simpatia pela linha de atuação do irmão de Carlos. Depois, achei que poderia ser interessante, pelas pessoas que conheceria, as situações em que me veria metido e talvez até encontrasse um nicho na política. Um pequeno clarão de esperança me acudiu e nos dias que antecederam a minha viagem a Brasília cheguei a cantarolar de alegria.

Os dias que passei na capital federal podem ser resumidos em uma só palavra: desapontamento. Logo que cheguei, um dia antes do primeiro encontro com o senador, liguei para alguns conhecidos, mas dois não se encontravam na cidade e outro tinha tomado destino ignorado. Especialmente este último, que apreciava as letras e gostava de assuntos esotéricos, poderia trazer muita animação aos meus dias por lá. Quem me deu notícias suas foi sua mulher, cuja raiva que parecia sentir por ele, estendera-se, pelo visto, a todos que mantinham ou mantiveram qualquer relação com o sumido. Tentei estender um pouco a ligação, pensando em visitá-la. Ela encurtou ao máximo a conversa, nem fazendo pergunta ou dando qualquer satisfação. Sem muita vontade de ficar andando pela cidade, deixei-me estar no hotel, que tinha certos luxos e cuja conta seria paga pelo Senado Federal. Jantei no hotel e depois de dar uma volta nos arredores, onde algumas prostitutas – talvez travestis – fizeram-me convites que recusei, assisti a um filme na tv e fui dormir. Acordei bem

disposto e com um terno de belo corte, dirigi-me ao escritório do irmão de Carlos.

Ele demorou mais de duas horas para me receber. No escritório era um entra e sai de gente que, ao que parecia, vinha ali para fazer pedidos. Poucos saiam com cara satisfeita e de alguns ouvi xingamentos ao senador. Depois de duas horas, eu falei à secretaria que meu encontro fora marcado para as nove e já eram mais de onze e que iria esperar no hotel. Fui logo atendido, tendo o senador me recebido com um abraço muito acolhedor, no qual pude sentir o seu hálito que realizava a inesperada síntese de alho e de fumaça de charuto.

O senador começou a falar às 11 e um quarto e ao meio dia o seu discurso não estava terminado. Falou de seu irmão, a quem gostaria também de ver na política e chegou a contar alguns acidentes da infância que envolveram a mim e ao Carlos. Deteve-se pormenorizadamente na queda que tivemos de um pé de abiu, no quintal da chácara da sua avó. Carlos quebrara o braço direito e eu ficara desmemoriado por dois dias, devido a uma batida na cabeça. Em seguida, voltou-se para a política nacional, destacando a necessidade da abertura democrática, que tinha nele – e o confessava com modéstia – um dos estrategistas. Falou depois nos problemas de nosso Estado, que vinha há anos sendo castigado por governos incompetentes e corruptos e que merecia melhor sorte. A cada mudança de assunto eu buscava alongar a minha paciência e, pensando na tarefa que me esperava, buscava perceber a retórica do senador, a forma de suas frases e a frequência de seus lugares comuns.

Quando deu meio-dia e o meu estômago emitia alguns sinais de fome, o senador completou a sua peroração sobre o nosso Estado, parou, acendeu um charuto e perguntou pela razão da minha ida até ele. Tivesse

eu um pouquinho menos de experiência, teria caído do sofá onde me instalara. Respirei fundo, mirei-o com (um) meu olhar cândido e falei do trabalhão para que Carlos me chamara. Ele se desculpou, dizendo que tinha muita coisa na cabeça. Disse que tinha de sair imediatamente para um compromisso e que o assunto demandaria uma longa conversa. Mandou que eu marcasse uma hora com sua secretaria e depois de um outro abraço acolhedor, saiu apressado.

O novo encontro foi marcado para o dia seguinte às 4 da tarde. Voltei logo para o hotel, onde almocei. A tarde, veio a vontade de dar uma volta pela cidade, a que resisti e à noite, repeti o ritual: jantar, um pequeno passeio perto do hotel e tv. Acordei bem tarde, depois de uma noite agitada por sonhos confusos. Nem tomei café. Arrumei-me, fiz rapidamente uma refeição leve e fui para o Senado. Fiquei andando pelos corredores por algum tempo, para sentir o ambiente. Infelizmente, não havia sessão e nada pude ver e ouvir, o que lamentei porque poderia dar novos elementos para o meu futuro trabalho. Às quatro em ponto, estava eu com o senador. Desta vez, não me fez esperar. Recebeu-me de modo objetivo, explicou-me as suas necessidades, dizendo que estava muito satisfeito de poder ter-me ao seu lado. Disse também que precisava de ver um trabalho meu e perguntou-me se me importava de ir para hotel e escrever um pequeno discurso. Ficou alguns minutos em silêncio, pensando em um tema. Quis sugerir alguma coisa, que não achei aconselhável e permaneci calado. Ao cabo de alguns minutos, abriu os olhos, acendeu um charuto e recitou: o problema das crianças abandonadas no Brasil. Ficou algum tempo discorrendo sobre o assunto, enquanto eu rabiscava o que dizia. Muito tranquilamente, despediu-se de mim e mais uma vez disse que eu marcasse uma hora, no dia seguinte à tarde, com a secretaria.

Saí quase exultante de seu escritório e antes de voltar para o hotel, onde eu pretendia ficar trabalhando à noite e na manhã seguinte, dei um pulo na biblioteca do Senado. Não foi difícil obter alguns dados – o irmão de Carlos me dissera para não exagerar com as estatísticas – e até achei dois discursos de outros senadores sobre o assunto enquanto, copiava umas passagens, comparei a minha doce alegria com a miséria das criancinhas. Desculpei-a, pensando que esta minha obra poderia resultar no futuro na redução de seus sofrimentos. Assim tranquilizado, parti para o hotel.

Pedi o jantar no quarto e, enquanto comia, pensava no que escrever e, mastigando, punha algo no papel. Alguma fantasia me animava, porque imaginei-me escrevendo o discurso de posse do senador no governo do Estado. Não tinha eu grande experiência em escrever discursos. Até aquela altura só escrevera dois. Uma para um amigo que fora escolhido orador da turma, não por méritos, mas para superar uma disputa entre dois colegas. O meu trabalho recebera alguns elogios, embora os pais dos alunos reclamassem do seu tom às vezes melancólico. O outro discurso, eu o escrevi para ler à sepultura de um professor de estatística na faculdade, que morrera afogado na própria banheira. Embora o meu estilo tivesse sido muito elogiado e também o tom com que eu pronunciara, não deixou de receber críticas. Alguns dos presentes ficaram furiosos porque eu resolvera rememorar algumas passagens engraçadas da vida do morto. O entrecruzamento de lágrimas e gargalhadas sob o sol brilhante de meio dia foi considerado grotesco e acintoso. O filho do morto tentou me agredir e tive de sair às pressas pela porta lateral do cemitério.

Achei que minha experiência anterior poderia ser aproveitada, de modo que desta vez acharia o tom exato. Antes de ir para a cama, às duas da

manhã, considerei que estava concluída mais da metade do discurso. Achava que no dia seguinte, tendo já tomado o embalo, terminaria antes do almoço. Estava, porém, enganado. Na manhã seguinte, embora tivesse sido acordado cedo pela telefonista do hotel, a minha produção foi minguada. Não achei interessante o que escrevera de véspera. Risquei muita coisa, reescrevi outras e ao meio dia, não tinha avançado muito. Não pedi o almoço no quarto e fui a restaurante do hotel, onde comi lentamente, ao contrário do que vinha fazendo, pois sempre achara que o trabalho intelectual não casa bem com tutu, torresmos e linguiça, além de duas garrafas de cervejas. Pois o efeito foi inesperado mesmo com o estômago cheio e com o meu corpo a produzir arrotos e outros estampidos, a minha veia oratória soltou-se e, em hora e meia, terminei a peça. Lia-a diante do espelho, considerei que estava boa pois o encontro estava marcado para as cinco da tarde.

Cheguei em cima da hora e com uma leve preocupação acerca do discurso: talvez devesse ter trabalhado mais, feito um esforço maior. Nem pude pensar muito a respeito disso, porque um rapaz, que depois vim a saber tratar-se de um repórter, foi empurrado para fora do escritório quase caindo sobre mim. Os palavrões berrados por mulato troncado, que deveria ser uma espécie de guarda costas do senador, ecoaram pelo corredor que em instantes encheu-se de pequenos grupos saídos dos escritórios dos outros escritórios. Não sabia o que fazer. Diante de mim, a secretaria do senador chorava. Vendo a porta entreaberta, entrei na sala do senador e encontrei-o com o rosto duro e o olhar parado. Recompôs-se um pouco e disse para mim que estava tudo acabado e que eu voltasse para o Rio, que não adiantava mais nada.

Quis saber mais alguma coisa, mas a secretaria não me respondeu quando eu perguntei, chorando intensamente. Os outros funcionários e assessores trancaram-se com o senador, de modo que achei melhor voltar ao hotel. Pretendia ir embora na mesma noite, mas não havia lugar nos vôos. Marquei para a manhã seguinte e à noite, liguei para a casa do senador. Custaram a atender mesmo após eu me ter identificado, disserem que o senador não estava.

Na primeira página do jornal que peguei na recepção do hotel, antes de partir, estava a explicação. O irmão de Carlos estava tendo um caso com a filha adolescente de um conhecido colunista político da capital. Engravidara a moça e aquilo que poderia ser contornado, transformou-se em um escândalo: a garota não regulava muito bem e resolveu matar-se, não sem antes escrever uma carta de despedida e enviar, a todos os jornais, cópias de um diário, em que relatava com abundância e crueza de detalhes, a sua relação com o senador, que mantinha desde os seus dez anos de idade.

O vôo de volta ao Rio foi desagradável. Devido a uma tempestade ou a ventos muito velozes, não sei bem, o avião jogou muito e eu senti incontidas náuseas. Logo no começo da viagem, muito deprimido, rasguei em pedacinhos o discurso sobre as crianças abandonadas e não tendo onde pô-los lancei no saco de enjôo. Foi lá mesmo, misturando-se à minha pobre retórica, que eu vomitei o café da manhã. Cheguei ao Rio e fui direto para o sítio.

Tentava me consolar, dizendo a mim mesmo que a coisa não tinha nada a ver comigo, que fora pura coincidência. Isto não foi, porém, suficiente para afastar uma pesada depressão que me tomou e que parecia feita para durar para sempre. Depois de alguns dias, cobrei algum ânimo e liguei para o Carlos. Ele estava desolado e laconicamente disse que muita

coisa ruim ainda estava por acontecer. Prometi procurá-lo, embora soubesse que tão cedo não o faria. Uma semana depois, o senador renunciou e recolheu-se a uma fazenda em Mato Grosso.

Estes fatos, por si sós já serviriam de suficiente preâmbulo psicológico e moral para o meu caso com a samambaia chorona. Houve, porém, mais um e, não obstante descrer na existência de um destino, acho que muitas vezes os acontecimentos de nossa vida são como preparativos ou estações espirituais que nos amoldam seja para o melhor, seja para o pior.

Vizinho a meu sítio, existia outro, que era de propriedade de um casal, com três crianças, servidos por um bom número de empregados. Estive lá umas duas vezes, desde que começara a ir ao sítio, ainda com Julia. Na verdade, ela não gostava do lugar e quando estávamos juntos, fomos poucas vezes. Com alguma frequência, eu ia sozinho, apenas para pagar o caseiro e ver com estavam as coisas. Raramente dormia no sítio. Numa das noites em que passei sozinho, fui acordado por um rumor na horta. Levantei-me, chamei o caseiro e fomos ver o que era, sem qualquer receio, porque não parecia ser gente mesmo. Descubri, que um carneiro havia atravessado a cerca. Quando chegamos perto ele fugiu.

O carneiro pertencia ao casal, que, apenas para divertimento das crianças, criava muitos bichos. Falei com eles sobre os estragos com certo humor e prontificaram-se a consertar a cerca e refazer a horta. Obrigaram-me a tomar café com eles. Ela se chamava Madga e o marido Oswald. Apesar do nome, ela era brasileira e baiana. Ele era norueguês e trabalhava em uma companhia de navegação, tendo já uns dez anos de Brasil. Eles insistiram para que eu viesse mais vezes, que trouxesse minha esposa e tudo mais. Disse que iria, mas custei a fazê-lo e, da outra vez que os visitei, havia também uma razão prática: alguns moirões de nossa cerca

comum haviam apodrecido e eu propus que dividíssemos os custos do concerto. Aceitaram logo e renovaram os convites para visitas.

Isto ainda tinha acontecido no tempo em que eu estava com Julia. Perante nossos desentendimentos e complicações, a vida daquele casal parecia-se bucólica demais, que eu ao mesmo tempo invejava e temia que algo parecido acabaria por me enfastiar. Havia até esquecido da existência deles, pois se passara muito tempo sem vê-los e durante o meu casamento com Alberto, eu nunca fora até lá, porque ele detestava qualquer coisa ligada a roça. E foi mais ou menos uns dez dias após a minha volta de Brasília, que o empregado deles veio me chamar. Estava aflito e mal pode me explicar o que estava acontecendo. Parecia que a patroa estava mal.

Encontrei-a inteiramente bêbada, falando em matar-se e as crianças. O marido não estava lá. Achei que pouco poderia fazer. No entanto, ao verme, tentou aprumar-se um pouco e parece que a minha presença fez-lhe bem. Consertou-se um pouco e pediu que eu passasse a noite em sua casa. Perguntei pelo marido e ela não respondeu. Falei à cozinheira que fizesse café. Madga tomou, tendo ficado um pouco melhor. Pediu-me para levá-la ao quarto e quando a ajudei a deitar-se, a maneira como ela tocou o meu braço levou-me a crer que ela talvez sentisse alguma coisa por mim.

Acordei bem cedo e pensava que fora o primeiro a pôr-se de pé, quando vi no jardim Madga e as crianças. Correram em minha direção. As crianças não pareciam surpresas e sorriam e falavam comigo como se eu fosse um antigo morador, com quem estavam acostumadas a acordar. Ela por sua vez lançou-me um olhar tão agradecido e terno, que a princípio pensei que era brincadeira ou uma comédia. Durante o café, parecia que eu era de casa e as crianças olhavam para mim como se eu fosse a autoridade da casa. Quando saíram para brincar e ficamos a sós, colocou

a mão em meu braço e perguntou se eu não estava à vontade. De fato eu não estava e lhe disse. Perguntei abruptamente onde estava o marido e ela disse que ele tinha ido embora para a Noruega e que tudo terminara.

Havia tristeza em sua voz, mas não em sua expressão, que parecia tão clara e límpida como a manhã, ou melhor, como toda aquela área em torno da casa, onde tudo estava no lugar: a grama bem cortada, os bancos como se tivessem sido recém pintados e os caminhos sem uma folha. E dos fundos dos olhos de Magda veio uma onda de afeto tão quente e intenso que eu disse para mim mesmo: esta mulher me ama. Eu não sentia nada de especial por ela, embora me soubesse vulnerável diante não apenas de seus encantos mas de toda situação. Perguntei o que tinha acontecido entre ela e Oswald, mas não me respondeu. Estávamos em silêncio, quando as crianças chegaram para a piscina.

Não aceitei almoçar, dizendo que tinha de dar um pulo na cidade, o que era verdade. Nos próximos dias, não voltei ao sítio, nem pensei quase nela. No meu trabalho, as tarefas haviam se acumulado e eu chegava em casa cansado. Jantava e usava o resto da noite para arrumar papéis ou então ficava com a televisão ligada, sem prestar atenção, cismando.

Retornei ao sítio sábado à tarde quando soube então que Magda havia me procurado. Quando comecei a descarregar algumas compras, com a ajuda do caseiro, ela chegou e disse um oi que ecoou dentro de mim e ficou vibrando. Deixei as sacolas no chão e fui até ela, que chegou bem perto de mim, tocou de leve o meu braço e perguntou-me como iam as coisas. Entramos juntos em casa, ela me ajudando com as compras. Parece que se espantou com os móveis simples e sóbrios, as paredes nuas e com o espaço vazio. Havia uma enorme diferença entre as nossas

casas. Enquanto a minha parecia inspirada em algum monastério, a dela era uma casa de família, coalhada de objetos, cuidados e carinhos.

Magda ficou logo a vontade. Sentou-se no sofá, colocou um pé em cima de uma banquetta e soltou-se para uma conversa viva e alegre. Queria saber mais de mim, como tinha sido a minha vida, o que acontecera entre mim e Julia, em que trabalhava etc etc. Tudo isto foi muito surpreendente, porque ela parecia bastante mudada, como se a mulher baiana e brasileira estivesse voltando a respirar, tendo abandonado, por assim dizer, a pele escandinava. Perguntou se não havia música e antes mesmo de obter a resposta já estava diante do meu toca-discos, escolhendo um elepê.

Sentimentos e ideias diversas confundiram-me. Percebia a minha casa tomada. Era, porém, uma alegre invasão que talvez ajudasse a dissipar a atmosfera de depressão que já por algum tempo predominava. Via entretanto, que havia algo em sua expansividade que não parecia natural e quando ela voltou do toca-discos para o sofá, deu um pequeno tropeço e teria caído não fosse eu ampará-la. Acabamos sentando juntos e neste instante tive pela primeira vez a vontade de fazer sexo com ela. Foi um desejo ainda suave que deixei como estava e comecei a falar sobre a minha vida. Ela me interrompeu com um abraço e beijo muito intenso e molhado. Não paramos por aí. Em poucos instantes ela tirou a roupa e como eu não estivesse me despindo com a sua rapidez ajudou-me a fazê-lo.

Madga estava alcoolizada. Percebi isto no beijo e o cheiro da bebida tornou-se mais forte quando estávamos no chão, o seu apetite bem maior que o meu. Mal terminamos ela se levantou e correu a lavar-se voltando com uma camisa minha que pegara no banheiro. Sentou-se no chão ao meu lado e perguntou se eu não tinha alguma bebida. A única coisa que

havia era uma vodca nacional. Ela não deixou que eu me levantasse e foi à cozinha, donde veio quase em seguida com dois copos com gelo tendo enchido o seu quase até a borda. Meia hora depois estava inteiramente bêbada.

Quando pensei que ela ia adormecer, pois se encostara no meu sofá e o final do crepúsculo quase escurecera inteiramente a sala, ela começou a falar sobre o seu marido, no mesmo tom em que a encontrara na noite em que mandara me chamar. Falou com ódio dos fiordes, vikings, escandinavos e disse que tinha sido um grande erro casar-se com alguém feito o Oswald. Contou que a vida com ele, que durara mais de dez anos, fora uma espécie de inferno gelado e que aquela claridade e felicidade que mostravam eram inteiramente falsas. Parava às vezes de falar, encostava-se em mim, com uma ternura que logo se transformava em desejo, que também não se completava. Quando parecia recuperar-se um pouco da bebedeira, encheu novamente o copo que engoliu quase de um só trago. Pouco depois adormeceu.

Levei-a para cama, onde ficou dormindo até quase meia-noite. Aproveitei o tempo para arrumar algumas coisas na sala e depois fui até o quarto, deitando-me ao seu lado, sem dormir. Não estava achando nem muito interessante nem divertida toda aquela situação, pensando até em levá-la para a casa, se ela acordasse.

Quando acordou deveria ser mais ou menos meia-noite. A lua estava cheia e sua luz entrava pela janela e estendia-se pela cama. Madga acordou realmente refeita e embora ainda cheirasse a bebida, o seu efeito dissipara-se. Aninhou-se junto ao meu corpo e começou a falar com uma voz bem doce e suave que o marido tinha ido embora, convencido de que o casamento e o Brasil não lhe serviam. Não parecia gostar mais dele,

dizendo que não lhe tinha feito bem se amoldar àquele homem que a colocava em uma espécie de cenário em que todos – ela, o marido e os filhos – tinham posições e papéis bem demarcados. Contou também que como o marido bebia bastante, começara também a beber e o seu gosto pelo álcool foi se tornando avassalador, obrigando-a a fazer um tratamento, há dois anos. Ficara bastante tempo sem beber, mas há quatro meses voltava e tornou-se difícil largar outra vez. Tinha certeza com a partida de Oswald, que poderia abandonar a bebida. Ficou em silêncio por algum tempo e quando lhe perguntei se ela não queria voltar para casa, para ficar com as crianças vi que tinha adormecido.

Logo dormi e quando acordei pela manhã, já um pouco atrasado para ir para o trabalho, ela não estava na cama. Na sala encontrei-a ainda com a minha camisa e com uma expressão de quem havia dormido pouco e mal. Tinha na mão o copo de vodca, com o qual me saudou, dizendo que era o seu café da manhã. Teria de sair correndo e ela não quis tomar o café que a caseira havia preparado para dois. Fui embora sem dizer quando voltaria.

SAMAMBAIA CHORONA

II

Passei o resto da semana na cidade, dormindo em meu apartamento. Não tinha muita vontade de voltar ao sítio e de ver Madga. O vício da bebida molestava-me. O álcool tinha destruído a vida de um grande amigo meu e também de um tio, que acabara suicidando-se. Reconhecia, no entanto, que a presença dela em minha vida produzira algum movimento retirando-me os ânimos mais sombrios.

Foi uma semana desinteressante e tranquila. Na quarta-feira, Alberto ligou-me para o trabalho e disse que queria falar comigo em pessoa. Chamei-o para jantar e o nosso encontro no restaurante foi cordial e sem arroubos. Alberto anunciou-me que iria casar-se com seu Alexandre – o das bicicletas – e que fora nosso padrinho de casamento. Não queria que eu soubesse por outra pessoa. Diverti-me com a história e até propus ser o padrinho, retribuindo a atitude desprendida do seu Alexandre. A ideia não foi aceita. Alberto alegou que o seu Alexandre morria de ciúmes quando ouvia falar em mim. Quando falei em um presente, disse que não queria nada a não ser a minha amizade.

Madga ligou-me no dia seguinte. Havia conseguido meus telefones e o meu endereço com o caseiro. Não entendi direito os motivos por que vinha a cidade, nem o que falava parecia convincente. Apareceu no meu apartamento no começo da noite. Vinha sóbria, mas logo pediu algo para beber. Como não havia nada em casa, fez questão que fôssemos até um botequim qualquer. Lá não quis beber outra coisa senão cachaça e exigiu que levássemos uma garrafa para casa, da qual ela tomou dois copos em menos de meia hora, recusando-se a comer qualquer coisa.

Logo ficou transtornada e começou a gritar, dizendo que eu não era homem e que estava fugindo dela. Por um momento, perdi a cabeça e lhe

respondi que não estava interessado em uma bêbada e que logo que ela ficasse melhor, eu a levaria de volta para casa. A sua reação foi violenta. Pegou um grande cinzeiro que ficava sobre uma mesa de centro da sala e lançou-o contra mim. Aparei-o com a mão, que ficou ferida. Parece que isso arrefeceu um pouco o seu ímpeto, mas foi por pouco tempo, pois novamente começou a gritar, desta vez dizendo que eu havia descoberto que ela era uma mutilada e que por isto não a queria, como Oswald também não a amava mais. Arrancou com força a blusa e mostrou os seios. Confesso que não havia percebido antes, quando a pude ver nua. Estava escuro, naquele fim de tarde e sempre, a seguir, ela estivera com a minha camisa. Agora, podia ver claramente que o seio direito era razoavelmente menor que o esquerdo.

Disse a ela para se acalmar e cheguei a segurar com energia mêm sem violência o seu braço, que ela arrancou de minha mão. Gritava mais contra mim e contra os homens em geral e quando parava de berrar, soluçava tão alto que eu estava certo de que todo o edifício nos ouvia. Quando tentei me aproximar mais uma vez, empurrou-me e disse que is se matar. Correu então na direção da pequena varanda da sala, que dá para o pátio do estacionamento. Aí, tentei mesmo segurá-la. O salto que dei em sua direção não foi, porém, suficiente para abraçá-la. Peguei a sua saia que se rasgou e eu fui dar de cara na quina da mesa de centro, ferindo o queixo, que logo começou a sangrar. Ela aproveitou este instante para subir no parapeito da varanda.

Lá estava ela, com os seios à mostra, a saia rasgada, balançando do alto do quinto andar. Toda a vizinhança apareceu na janela e as crianças que estavam brincando no estacionamento dos fundos ensaiaram um “pula, pula”, que felizmente logo cessou. Madga ficou por algum tempo em

silêncio, quando aproveitei para pedir que descesse. Não me ouviu e daí a pouco, como se já estivesse tomado fôlego, recomeçou a gritar contra a humanidade, e principalmente contra Oswald. De vez em quando, dizia algumas palavras que deveriam ser em norueguês.

A campainha tocou e começaram a bater com força na porta. Pensei que isto iria perturbar Madga. Ela não pareceu ouvir e fui até a porta. Abri e lá estavam um vizinho e dois PMs. Quiseram forçar a entrada, que impedi. Quando viram o meu rosto ensanguentado, fizeram ainda mais força e conseguiram entrar.

O vizinho eu o conhecia de vista. Morava exatamente no apartamento abaixo do meu e sempre nos olhava de modo irônico quando passava perto de mim e de Alberto. Tentou várias vezes, segundo me contou o Alberto, saber como vivíamos, dando uma indiretas acerca do que suspeitava. Era casado com uma mulher bem mais velha, com quem jamais saía e no fim de semana passava várias horas brincando com seus dois filhos no pátio dos fundos.

Os policiais estavam calmos e tentavam acalmar-me e ao vizinho que parecia encolerizado e dizia que tinha me ouvido bater em Madga e que eu tentara matá-la. Eu disse que não era hora para discutir isso e que devíamos tentar fazer com que Madga descesse. Pedi para saírem e esperassem no corredor. Consentiram e quando estavam lá fora fui até a varanda e pedi a Madga que acabasse com isso. Ela parecia mais calma. Olhou-me já sem a raiva e estendeu a mão para ajuda-a a descer. Aproximei-me rapidamente, para segurá-la caso mudasse de ideia. Ela me deu a mão e no chão, abraçou-me. Na sala, ela resolveu deitar-se no sofá e cobri-a com o resto de sua blusa. Ficou em silêncio.

Fui até a porta e abri para falar aos policiais. O vizinho não estava mais lá. Expliquei rapidamente o que tinha acontecido. Um deles colocou a cabeça para dentro do apartamento e viu Madga deitada de olhos fechados. Explicou-me que a ocorrência tinha de ser registrada e que eu deveria logo que pudesse ir até o distrito. Prometi que faria isto no dia seguinte.

Levei Madga para o quarto e ela não demorou a dormir. Eu ia também deitar-me quando tocaram a campainha. Era o síndico, que eu conhecia muito superficialmente e um outro morador, que logo vim a saber tratar-se de psiquiatra. Este disse que tinha trazido tranquilizantes. Contei com algum pormenor o que havia acontecido e diante do fato de que ela havia bebido tanto, o psiquiatra disse que não era o caso de dar tranquilizantes. Recomendou que eu tomasse providências logo pela manhã, deixou o seu telefone. Logo que saíram, deitei.

Estava quase pegando no sono, quando Madga despertou. Como já fizera outra vez, aninhou-se junto a mim e ficou falando baixinho, pedindo desculpa por toda a loucura, que eu não levasse a mal, porque não era nada contra mim.

Ela voltou a dormir também não custei a fazê-lo. Um pouco mais tarde, acordou de novo e disse que tinha medo de fazer tudo de novo. Pediu então que eu amarrasse o seu braço ao meu. Custei a aceitar a ideia. Ela então começou a chorar com o seu rosto sobre o meu, deixando escorrer as lágrimas e dizendo que não queria morrer. Levantei-me e fui procurar uma corda que não achei em lugar nenhum. Fiquei por mais de meia hora remexendo as gavetas à procura de uma corda. Cheguei a pensar em cortar o fio do telefone, o que seria uma estupidez. Até que me lembrei de

um lençol velho, ainda do enxoval de Julia. Estava no quarto de empregada. Peguei uma tesoura, cortei em tiras e nos amarrei.

Quando acordei, já passava de meio dia e ela parecia desperta há algum tempo. Como não havia um jeito de cortar as tiras do lençol que nos atavam sem me acordar, ela me disse que ficou desperta ao meu lado, por umas duas horas, imóvel. Quando me viu abrir os olhos, lançou-se sobre mim, chorando e pedindo perdão. No meio daquilo tudo, ficamos excitados e eu quis antes de começar, cortar as tiras. Ela me pediu para fazermos amarrados, o que foi estranho e desajeitado. Foi a primeira vez que eu realmente senti tudo com grande intensidade.

Depois de desatados, fomos para a sala, e quando a vi tomando em suas mãos a garrafa de cachaça, temi pela repetição de tudo. Levou a bebida para a cozinha e derramou tudo na pia e fez um café para nós dois.

Enquanto tomávamos café, ela me disse que achava que seria necessária outra internação. Eu já havia pensado nisso, mas não disse nada. Ligou para casa e falou com cada um dos filhos. Ela estava com um rosto bem abatido e parecia envelhecida. Quando terminou, propus que saíssemos para almoçar e depois fôssemos dar uma volta ou a um cinema e que a história da internação ficasse para o dia seguinte. Só que havia um problema: suas roupas estavam rasgadas.

Lembrei-me então que havia guardado um dos vestidos de Alberto, como uma espécie de recordação. Não queria pedir a ele, porque poderia pensar em alguma coisa, uma macumba, sei lá, e tirei de sua mala quando ele foi ao banheiro, um pouco antes de ir embora definitivamente. O vestido estava na gaveta, debaixo dos lençóis. Não foi difícil encontrá-lo. Era de cetim verde claro e decotado como Alberto gostava, pois considerava seus ombros muito sensuais e sem dúvida tinha razão. A roupa estava muito

amarfanhada, Madga provou-a e caiu-lhe muito bem. Trouxe o ferro e ela o passou o vestido rapidamente e com habilidade e fiquei assistindo em silêncio. Depois acompanhei-a até o quarto, quando se vestiu diante do espelho. Ela também estava calada e não parecia estar voltada para os seus pensamentos, apenas concentrada no vestir-se. Embora estivéssemos no mesmo lugar em que tudo acontecera, não havia mais sinal daquela morte horrorosa. Vi então dissolver-se uns sentimentos de distância que até aí haviam predominado. Estava muito próximo, embora não sentisse disposição para um envolvimento maior.

Ficamos algumas horas no restaurante, cujos espelhos pareciam acentuar o bandeide que eu havia colocado sobre o queixo. O sangue tinha sido abundante, mas a ferida era pequena e não muito profunda. Sempre considerei de mau agouro quando me machuco mesmo que seja um ferimento superficial. Pensava sobre isto, quando Madga começou a ficar mais comunicativa. Contou que seu filho mais velho, louro com os demais, não era de Oswald, e sim de um casamento que tivera na Bahia.

Ela parecia tomar fôlego para contar a história da seu primeiro casamento, quando vi pelo espelho que se aproximava da mesa o Joça. Chegou, deu-me um forte abraço, cumprimentou Madga com muita gentileza e, com toda naturalidade, sentou-se ao nosso lado. Não o via há mais de um ano. Conheci-o desde criança, pois era filho de uma prima distante de meu pai, que quase casara com ela. Por isso, desde pequeno costumava dizer que éramos quase irmãos. Estava com um ar um pouco abatido – o que era raro, pois mantinha-se sempre jovial e parecia bem mais novo do que eu. Trabalhava também em um banco e durante o meu casamento com Julia, ia lá em casa duas ou três vezes por mês. Parou de fazê-lo por um desentendimento com Julia, por quem começou a nutrir um

sentimento quase beirando o ódio. Numa noite em que ele veio para jantar, estava também conosco uma grande amiga dela. Joça encantou-se pela moça. Procurou-a e chegaram a sair juntos, embora soubesse que ela era casada, Julia não admitiu esta experiência e, apesar de meus protestos, contou tudo ao marido. Não houve nenhuma cena de sangue mas Anete, a amiga de Julia, deixou de ver Joça. Pareceu-me que Julia estava mesmo é com ciúmes de Anete e, segundo soube, quando esta se separou, algum tempo depois eu e Julia não mais estávamos juntos, foram morar nos mesmo apartamento.

Joça de há muito estava envolvido com assuntos místicos, sendo este o tema da breve conversa que tivemos. Disse que tinha sido uma grande coincidência o nosso encontro, pois pensara em mim a manhã inteira, não tendo tomada, porém, a iniciativa de telefonar-me. Contou que havia feito muitas descobertas e conhecido gente nova, que trabalhava com materiais e substancias bem incomuns. Sempre falara sobre isto com bastante entusiasmo, mas agora parecia maravilhado. Fez questão que o procurasse logo, não tendo insistido quando disse que não estava no momento muito interessado. Falou somente que tinha feito o que devia e que eu, quando me sentisse com vontade, que o fosse procurar. Levantou-se e deu-me um abraço caloroso. Cumprimentou Madga e saiu.

Durante os dez minutos em que Joça estivera conosco, parecia não notar a presença de Madga. Mesmo quando falava, dirigia-se apenas a mim. Quando foi embora, ela disse que o conhecera na casa de um colega de trabalho de Oswald e que chegara a conversar com ele. Não dei muita importância a esta observação, pois estava bastante interessado em retomar a conversa sobre o primeiro casamento de Madga.

Posso dizer que o que ela me contou foi no mínimo espantoso. O seu primeiro marido deveria estar atualmente com uns cinquenta anos, caso fosse vivo. Ela o havia conhecido quando ainda era criança. A mãe tinha enviuvado e seu pai deixara uma pequena loja de tecidos, que permitia uma vida que não chegava a ser folgada. Mais ou menos um ano após a separação, quando a loja começava a ficar em uma situação difícil, o representante de uma fábrica de tecidos do sul dispôs-se a ajudar a sua mãe. Ele não somente auxiliou a resolver os problemas financeiros, como também orientou as compras e vendas que, em pouco tempo, a situação melhorou muito. Havia também um interesse pela mãe de Madga, que foi retribuído e em bem pouco tempo estavam casados. Mudaram-se para uma casa bem ampla e a mãe que tivera duas filhas do primeiro casamento, deu à luz a mais uma.

O novo marido da mãe de Madga, que se chamava Rosário, tinha um certo tino comercial, mas os bons resultados provinham de outros meios. Ele dizia brincando que tinha boa relação com os anjos e que estes o ajudavam em tudo. Fazia alguns rituais, cuja origem jamais foi possível identificar. Havia sempre uma bisnaga de pão fresco sobre um armário da sala e que tinha de ser substituído tão logo ficasse passado. Rosário também tinha mandado fazer uma lareira na sala, onde bastante frequentemente queimava ervas aromáticas e uma vez por mês, assava quase uma centena de olhos de peixe. No mais, Rosário parecia uma pessoa normal, bastante carinhosa, tendo assumido inteiramente o comando da família.

Passaram-se cinco anos e o negócio dos tecidos prosperou. As coisas ocorriam de um modo a propiciar sempre uma melhor situação. Assim, logo no início, o dono da loja ao lado adoeceu e teve de deixá-la, Rosário

obteve o imóvel por um preço baixíssimo, ampliou a sua loja e os lucros cresceram mais do que proporcionalmente. Assim, quase sem nenhum plano, foram surgindo outras oportunidades e outras lojas foram abertas, sempre com sucesso. Rosário pretendeu então abrir uma fábrica, mas a mãe de Madga não concordou, achando que já tinha o suficiente.

Foi mais ou menos nesta época que houve uma transformação. A irmã mais velha de Madga tinha dezenove anos e em um jantar, a sua mãe disse que iria ocorrer uma mudança. Falou com a mais inteira naturalidade que iria separar-se do Rosário e em seu lugar entraria Marisa, a irmã mais velha de Madga. Em um primeiro momento, Madga sentiu a coisa como tenebrosa. Mas foi tomada pelo comportamento tranquilo de sua mãe e de sua irmã, de modo que tudo parecia tão simples quanto uma mudança de quarto.

Madga disse que sua irmã Marisa estava então fazendo vestibular e que deixou tudo, assumindo sem qualquer problema o papel de esposa de Rosário. Pelo visto só veio a saber que teria de coabitar com Rosário no jantar em que a mãe fez o anúncio. Em pouco tempo, mudou o seu comportamento: de filha passou a esposa, enquanto a mãe de Madga passou, também sem qualquer transtorno, de esposa a sogra.

Uma revolta e um desprezo tomaram o coração de Madga. Parecia, porém, que Rosário tinha o poder de dissolver estas animosidades e daí a pouco retornou-se a uma atmosfera familiar tão sólida e respeitável, como se nada de incomum houvesse ocorrido.

(aqui criar + tensão + trabalho. NA)

Quando Madga estava neste ponto da história, o restaurante em que nos encontrávamos começou a receber os frequentadores de fim de

expediente e ficou um pouco barulhento. Falei-lhe sobre o cinema, mas não parecia mais interessada e eu queria ouvir logo o resto da história. Ela propôs que fôssemos para algum lugar da zona sul. Temi porém que ela voltasse a ter vontade de beber e perguntei se não gostaria de voltar para a minha casa. Fomos e lá chegando senti forte necessidade de álcool. Foi até a cozinha e com humor ficou a espremer a garrafa de cachaça que tinha esvaziado de manhã. Abracei-a e parece que o meu

carinho ajudou-a a afastar a vontade de beber.

Fomos deitar e na penumbra do quarto ela prosseguiu a história, que tentara continuar no carro na volta para casa. Interrompera o seu relato quando tivemos de reduzir a marcha por causa de um acidente no Aterro que congestionava o trânsito. Logo depois, quando já trafegávamos mais livremente, perguntei-lhe se Oswald sabia de tudo. Ela disse que sim, mas que jamais contará-lhe com todos os detalhes o que tinha acontecido. Ela ia continuar a história, quando, de modo brincalhão e para retirar um pouco do tom sombrio com que ela relatava tudo, disse que ia adivinhar o que viria depois: Rosário acabaria casando-se com ela.

Madga não retrucou. Ficou em um silêncio prolongado, quando pude perceber que o meu tom brincalhão não fora bem recebido. E eu havia acertado: depois de três anos de casamento com a irmã de Madga, a mãe anunciou-lhe que seria a nova esposa de Rosário.

Na mesma noite, Madga fugiu de casa. Tinha na época vinte anos e foi para Itabuna onde moravam uns tios. De lá pretendia escapar para o Rio de Janeiro, e nunca mais ver a mãe ou Rosário.

Os seus tios escreveram para a sua mãe, sem desconfiarem de nada ou talvez imaginando algum problema. Soube então que ela estava muito doente e pedia que retornasse. Foi encontrá-la em um hospital, parecendo mesmo à morte. Marisa e Rosário estavam com ela e receberam Madga muito carinhosamente. E diante deles, a mãe de Madga disse que se não aceitasse Rosário, morreria. Não vendo outro jeito e achando que a própria condição da mãe fora causada por Rosário, acabou aceitando. A mãe recuperou-se depois de algum tempo. Neste ponto da história a minha curiosidade aguçou-se. Perguntei a Madga como tinha sido este casamento e como era Rosário.

Contou-me que ficara com Rosário, três anos e meio e que de início tinha sido realmente maravilhoso. Rosário fizera-a sentir-se como esposa, dando-lhe não apenas todas as atenções, como propiciando-lhe prazeres na cama que ela, antes e depois, nunca tivera com ninguém. Ele a fazia sentir-se uma mulher completa e ao mesmo tempo em paz total com a vida e com a sua condição de esposa. Seis meses depois da união, engravidara. Enquanto isso, a mãe realizava plenamente o papel de sogra e a irmã Marisa funcionava como cunhada, sem qualquer ciúme.

Nunca tivera qualquer desentendimento com Rosário, que não era tocado por preocupações, remorsos ou sobressaltos. Embora fosse mais

velho do que ela, não a tratava com superioridade nem (pg.18)...experiência maior ou outras diferenças. Era grande a sua energia, não precisando repousar ou dormir muito para recuperar-se da vida trabalhosa que tinha na loja de tecido. Ao mesmo tempo, tratava dos filhos que tinha com a irmã e a mãe de Madga com muito carinho e total atenção.

Quando o filho de Madga nasceu – e foi uma surpresa porque esperavam uma menina – a loja passava por algumas dificuldades e Rosário fez uma viagem mais ou menos longa ao sul. Trouxe de lá muitas ideias novas e o negócio logo voltou a prosperar. Mas foi neste segundo ano do casamento, que um fato aconteceu, abalando a relação entre Madga e Rosário.

Reconheço que o assunto é melindroso e chega as raias do inverossímil. Madga contou que no meio de uma relação sexual com Rosário, percebeu que havia uma cavidade no corpo dele, exatamente no local em que as mulheres possuem sua vagina. Estranhou que nunca tivesse percebido isto, embora a forma como se relacionavam na cama fosse absolutamente descontraída. Ela não ficou à vontade para conversar sobre isto com Rosário, mas depois de alguns dias falou-lhe abertamente.

Pela primeira vez, viu Rosário embaraçado. De início, pareceu não ter entendido. Depois, disse que não sabia bem o que era e que jamais tinha notado. Ela foi com ele para o quarto, mostrando-lhe com o auxílio de um espelho e de um abajur. Rosário acabou confessando que sentira algo de estranho em seu corpo desde criança e que nos últimos meses, percebia que a cavidade aumentara. Madga sugeriu que fosse a um médico e ouviu imediatamente uma recusa.

Eu quis saber mais detalhes acerca desta particularidade no corpo de Rosário e Madga me disse que parecia realmente uma vagina, tanto no seu aspecto exterior quanto em sua profundidade, estando inclusive úmida nas ocasiões em que a tocara. O que viu foi que o embaraço dele transformou-se em constrangimento e os contatos carnais entre ambos começaram a rarear, para dentro de dois meses cessarem inteiramente. A partir de então, Rosário começou a viajar seguidamente para o sul, onde permanecia uma semana ou mais. Ele não se encontrava em Salvador, quando do primeiro aniversário do filho.

Madga nunca mencionou este estranho fato nas conversas em casa e, segundo me contou, nem Oswald jamais soubera disso. Ela disse que ao contar-me não se tratava de confiança mas do fato de que agora pouco importava se alguém soubesse ou não.

Foi numa das ausências de Rosário que Madga conheceu Oswald. Ele representava a companhia de navegação na Bahia. Era amigo de um namorado de Marisa e um dia vieram os dois à casa de Madga que aceitou sair com eles. A partir daí, começou a ver Oswald às escondidas. Tanta a mãe quanto a irmã jamais desconfiaram, pois matriculara-se em um curso de inglês para poder ter justificativas para sair.

Eu quis saber como é que a irmã de Madga lidava com o fato de que o filho dela era também filho de Rosário, especialmente perante os namorados e a vizinhança. Ela explicou que Rosário tinha registrado como seu apenas o filho que tivera com a mãe dela. Os outros dois foram registrados como filhos sem pai.

Nesta altura, Madga parecia muito cansada e quase adormecia. Disse que poderia relatar mais detalhes no dia seguinte e que gostaria de acabar rapidamente. O que ela contou foi que começou a ter uma afeição

crescente por Oswald e que passaram a ver-se diariamente. Sentia-se cada vez mais distante de Rosário e voltou-lhe uma revolta e indignação em relação a tudo o que acontecera. Nada falou à mãe e à irmã, mas estava resolvida a ir embora dali com Oswald. Preparou-se por bastante tempo para falar com Rosário. Achava que a reação não seria violenta e com toda probabilidade, aceitaria a separação, já que mostrava um decrescente interesse.

Devia ser umas sete da noite e mal acabara de escurecer. Ela estava esperando Rosário para o jantar e pretendia, logo depois, ter uma conversa, contando-lhe tudo. Estava assistindo à novela, quando ouviu um baque na rua, seguido de uma freada e um forte estrondo. Ouviram-se vários gritos e daí a instantes, bateram à porta. Sua mãe foi atender e chegou com a notícia de que Rosário tinha sido atropelado. Quando Madga chegou à rua, encontrou-o à morte.

Após ter contado isto, Madga ficou em silêncio. Eu também não disse nada e percebi que ela havia adormecido. Estava bastante cansado e sentia o corpo um pouco doído, mas não consegui pegar no sono. Já não me sentia tão próximo a ela. Vi-a com uma planta desconhecida que aparece no jardim, sem alastrar-se mas ocupando um espaço que a torna muito visível e quando alguém pergunta o que é aquilo, você não sabe dizer. A história que ela tinha me contado era certamente estranha, um pouco mais do que as das outras pessoas com quem eu convivia. Sentia e temia que Madga tornasse a mim mais um elo de sua estranha via ela terra. Afastar-se dela, agora, não parecia fácil.

Havia também outra coisa: eu não acreditava inteiramente na sua história. As razões para duvidar não eram claras: apenas dava as vezes impressão de estar inventando e isto não se devia a quaisquer

contradições ou algum titubeio. Sentia vontade de afastar-me dela e ao mesmo tempo percebia que iria voltar àquela vida bastante vazia. Além disso, como deixar de vê-la se era minha vizinha no sítio e como abandoná-la em um momento tão difícil?

Os dias seguintes mostraram que o afastamento era mais simples do que eu imaginara. Logo de manhã, ela foi atacada por uma forte vontade de beber e mal pode conter-se. Foi então que falou em internar-se. Fomos ao sítio dela, para que falasse com as crianças e, em seguida, levei-a a um sanatório. A nossa despedida foi terna e sem grandes emoções. Parecia claro a ambos que havia entre nós uma certa afeição e nada mais.

Voltei ao sanatório uma semana depois, quando ela poderia começar a receber visitas. Ficava em Jacarepaguá, a pouco tempo do sítio, aonde não fui nenhum dia porque no trabalho as obrigações haviam se acumulado. Fui lá com a ideia de não me demorar. Um dos médicos era irmão de um colega de ginásio e reconheceu-me. Conversamos sobre o tratamento do alcoolismo e ele me disse que a única coisa em que acreditava era nos Alcoólicos Anônimos.

Quando entrei no quarto de Madga, estava com duas mulheres, que logo soube ser sua mãe e Marisa, sua irmã. As duas estavam com um ar triste. Tinham chegado da Bahia no dia anterior e Madga parecia satisfeita com a sua presença. A mãe, que tentava convencer Madga a voltar para a Bahia, agradeceu-me por tudo o que fiz. Disse que Oswald era uma boa pessoa mas que era difícil aguentar as coisas de Madga. Parecia bastante religiosa pois no meio da conversa, citava santos e orixás. E numa espécie de sermão, pedindo à filha que tomasse jeito, disse que o problema dela é que era médium e que precisava desenvolver-se.

A mãe que se chamava Claudia, nome que Madga jamais pronunciara, levou-me até o carro. Agradeceu-me tudo o que fiz, mais uma vez. Disposto a saber algo a respeito da história sobre Rosário, disse à Claudia que tudo o que acontecia com Madga devia-se a sofrimentos como a viuvez de Rosário, pai do seu primeiro filho. Ao ouvir isto, o espanto de Claudia foi realmente grande. Parou no caminho e disse para mim que a filha estava louca quando me contara: Rosário tinha sido marido dela, Claudia e morrera há quase seis anos. Perguntei se morrera atropelado diante da casa e ela confirmou. A nossa despedida foi um pouco brusca.

Quando telefonei dois dias após, soube que tinha ido para casa, onde fui vê-la. Estava muito bem, sorridente e com o rosto muito tranquilo. Resolvera voltar para a Bahia. Confesso que tive vontade de falar sobre Rosário, mas vi que não era a ocasião. Na semana seguinte, ela pôs o sítio à venda e viajou com as crianças, mãe e irmã.

Um mês depois, recebi uma curta carta de Madga, dizendo que tudo estava bem e que a fosse visitar algum dia. Não fui e depois nada mais soube a seu respeito. A possível falsidade da história que me contou intrigou-me um pouco. A importância a que tinha para mim dizia respeito unicamente à questão: existiriam mesmo seres humanos como Rosário?

SAMAMBAIA CHORONA

III

Como já disse, sentira algo de falso no relato de Madga e esta impressão foi confirmada pelo espanto de sua mãe. Mas se Rosário tinha sido realmente como foi descrito, a sua morte me deu a impressão que fora por ele mesmo providenciada como uma forma de saís deste mundo, quando o seu segredo fora descoberto. Cheguei a pensar que as suas capacidades extraordinárias deviam-se ao orifício a mais que possuía e achei que não valeria a pena possui-lo, se fosse obrigatória aquela contrapartida.

Datam desta época, as minhas primeiras investigações mais sérias sobre os assuntos ligados ao misticismo e a magia. Isto estava no ar. Havia muitos livros a respeito e eu sempre achara tudo mistificação e besteira. Mesmo o interesse da Julia pela alquimia eu separava de qualquer coisa mágica: para mim era química mesmo. Além disso, eu via no interesse de muita gente mais uma curiosidade do que uma intenção séria de envolvimento e de obtenção dos poderes apregoados, se é que existiam.

Li alguns livros que achei maçante e mal escritos. Fui a terreiros, fui a centros orientais, mas nada achei que pudesse ter a ver com o que buscava. As pessoas que os dirigiam e aquelas que os frequentavam pareciam mistificadores baratos ou iludidos.

Logo desisti deste caminho e, temendo que a minha existência entrasse em um marasmo total, pensei em fazer uma viagem, já que as férias aproximavam-se. Achei que poderia não ser nada mais do que carregar a

minha solidão para outras terras. Não abandonei a ideia, porém, e para colher sugestões, comecei a frequentar agências de turismo onde me apresentavam planos de viagem que se assemelhavam a cardápios. Pareceu-me pratos com sabores diferentes e talvez encontrar outras pessoas com os mesmos propósitos, ou os naturais da terra, com o seu sabor talvez parecido com o que comiam. Pensei também que quando alguém precisa de uma viagem para encontrar alternativas, como eu buscava, não está lá muito bem. E eu sabia que não estava muito bem com a vida. Não é que sentisse os caminhos inteiramente fechados, mas ressentia-me de uma espécie de desgaste, uma perda de sabor, assim como se sente quando se come o mesmo prato ou se usa a mesma roupa por muito tempo. Isto me recordava dos meus tempos de criança, quando enjoava dos brinquedos. Sentia agora um enjôo parecido com relação à vida.

Persisti, apesar de tudo, na ideia da viagem. Dois lugares exerceram sobre mim alguma atração: o Peru e o Marrocos. Antes de decidir-me procurei saber mais a respeito dos dois países e, por acaso, em uma agência de turismo, conheci uma americana que morava há algum tempo por aqui. Ela estava voltando para os Estados Unidos e pretendia, a caminho, passar pelo Peru. Puxei conversa sobre o país, que ela já tinha visitado algumas vezes. Saímos juntos da agência, que já fechava e continuamos conversando pela rua. Ela era morena e miúda e fora o sotaque, não parecia a americana típica. Convidei-a para jantar, quando me contou muitas histórias sobre as suas viagens ao Peru, fez-me escrever um monte de coisas para ver e até deu-me o nome de pessoas com quem seria bom fazer contato. Acabamos no apartamento dela, para uma sessão de música, sexo e tóxicos leves.

Cristina, que era o seu nome, trabalhava em uma firma de exportação de plantas decorativas e estivera casada com um brasileiro. Com a separação, pretendia passar alguns anos nos Estados Unidos e mais tarde voltar ao Brasil. Havia estuda botânica e na sala de seu pequeno apartamento, havia algumas estantes cheias de livros sobre plantas.

E foi na sala de Cristina que logo quando acendeu a luz, antes de entrarmos, a samambaia chorona. Ocupava um canto da sala, perto da janela. Estava em um vaso, próximo ao teto e preso em uma fina viga de metal, daquelas bastante comuns. Nunca havia visto algo com tanto viço e foi um dos primeiros assuntos de nossa conversa. Ela parecia muito orgulhosa da planta e disse que não havia muito segredo para obter tal resultado: água, luz, uma terra bem aduba e muito carinho.

Acreditei ser isto bastante, mas pude perceber que o que Cristina chamava de carinho talvez fosse algo bem diferente do que em geral se pensa. Algumas vezes, via-a olhando para a planta com uma quase fascinação e também com tristeza. Ela explicou que não poderia levá-la para os Estados Unidos e que aquela era uma das plantas mais incríveis que tinha conhecido. Pegara-a no mato em Jacarepaguá e realmente não poderia ter imaginado que tomaria corpo. De fato, cobria inteiramente o xaxim e caia como uma cortina verde até o chão. Olhei-a com cuidado e não vi nenhuma folha murcha ou quebrada. Possuía também um verde uniforme.

Passado tanto tempo, não sei se a minha memória confunde-me. Parece que sentia a presença de outra pessoa na sala, quando estávamos apenas Cristina e eu. A conversa sobre o Peru prolongou-se. Depois, ela me mostrou alguns discos de jazz, cujas músicas mais tarde tornaram-se o pano de fundo. Adormecemos na sala, depois de um contato carnal que

considerarei um pouco monótono. De madrugada, fomos para o seu quarto e saímos cedo para a rua.

Cristina viajaria dentro de cinco dias e nos falamos ao telefone mais uma vez. Convidei-a para sair mas recusou, dizendo que tinha muita gente de quem se despedir. Não esperava mais vê-la, quando no dia anterior da viagem, ligou-me. Disse que desejava despedir-se de mim e marcamos um encontro na cidade. Mal a encontrei, perguntou-me se eu ficaria com a samambaia chorona.

O transporte foi feito logo no dia seguinte, pois Cristina tinha de entregar o apartamento e viajaria à noite. Não foi fácil. Mesmo com todo cuidado e com enorme paciência, não deixamos de machucar a planta, que nos dias seguintes, sentiu a viagem, perdendo folhas e tornando-se um pouco mirrada. Levou algum tempo para se recompor e apenas um mês depois é que retornou-lhe todo o viço. Pensei até que ela fosse dar-se mal em meu apartamento e que não resistisse. Diariamente, cuidava dela, pela manhã e ao final da tarde. E mesmo quando ia ao sítio, procurava não demorar-me muito.

Esta era a primeira vez que eu tinha, por assim dizer, um ser de estimaçãõ. Quando era criança não tivera qualquer bicho e, mais tarde, já adulto, nunca dera grande atenção às plantas. Já que meu conhecimento acerca delas, da maneira de cuidá-las era limitado, procurei saber mais e vi que o que eu fazia era suficiente.

Foi justamente a partir do dia em que a samambaia parecia recuperada que comecei a sentir algumas coisas diferentes. Havia deixado de lado a ideia de viajar mas não retornara aquele estado de insatisfaçãõ e de certo enjõõ com a vida. Ao contrario, cada dia parecia uma realidade própria em que todos os momentos tinham uma densidade. Parecia que estava

apaixonado, sem ter diante de mim qualquer objeto de paixão. Este contentamento refletia-se no meu trabalho, cuja rotina não parecia mais aborrecer-me, levava-me a realizar longas caminhadas a pé pela zona sul, encantado com o simples fato de estar vivo. Cheguei a pensar em reunir em casa alguns amigos, coisa que não fazia há muito tempo.

O meu interesse pelas leituras reapareceu e também por escrever, sendo que até rabisquei algumas ideias, pensando em um romance. Acabei deixando de lado esta ideia mas sentia que estava borbulhando de vida e de criatividade. Espantei-me tanto com estas mudanças de estado de espírito, sem qualquer razão palpável que disse a mim mesmo ironicamente, que deveria ser o estado que antecede aquele desespero profundo e sem saída e que desemboca no suicídio.

Notei, porém, uma particularidade nesta alegria toda. Ela parecia realmente ligada a samambaia, porque quando deixava de cuidar com carinho dela ou quando passava mais de um dia sem ir em casa, toda esta claridade começava a reduzir-se. Quando tive de ausentar-me da cidade por três dias, a serviço e ir a São Paulo, senti alguns traços de depressão. No entanto, esta obrigação de ver a planta, para estar bem, não me causava transtornos. Porque de fato eu sentia falta dela e vinha mesmo a vontade de vê-la e de com ela estar.

Comecei a perceber curiosas coincidências. Não somente, tendia a usar camisas verdes ou nas quais o verde fosse predominante, como também quando fui comprar roupas, adquiri quase tudo daquela cor. Na rua, as pessoas vestidas desta cor atraíam-me e pelo visto também eu as atraía, porque tendiam a olhar para mim e mesmo a dirigir-me a palavra a propósito de solicitar informações.

Não foi imediatamente que notei a minha tendência para o verde. Levei algum tempo o que me faz crer que a ação era profunda. Outra alteração que comecei a perceber foi na comida: os vegetais deixavam de me atrair e tornei-me um carnívoro como jamais fora. Desde manhã até à noite, do café da manhã até o jantar, a carne tornara-se quase integralmente a minha alimentação. Chegava a sentir um certo desgosto à vista de saladas e uma vez senti o mesmo horror frente a um suco de laranja que se costuma sentir diante de sangue.

A minha aversão aos vegetais e a incrível atração pelas carnes chegou a produzir alguns efeitos surpreendentes. Passei de início por uma fase em que a carne de coelho tornava-se para mim um bem essencial. O meu café da manhã era um coelho guisado, no almoço, comia assado e a noite frito. Este “coelhamento” durou cerca de cinco dias, quando as rãs ocuparam o centro de meu paladar. Depois, deixei as rãs e voltei-me para a carne bovina. Aqui os ciclos eram mais rápidos: um dia mocotó, de manhã até a noite; depois, rabadas. Estacionei nas costelas, por uns três dias, para depois, lembro-me bem, ingressar no gosto pela língua, que durou um fim de semana inteiro.

Acostumado a observar-me, vi logo a transformação que estava sucedendo e cheguei a assustar-me. A combinação do gosto pelo verde, abominação dos vegetais como alimentos e verdadeira adoração pelas carnes foi criando em mim um tipo humano realmente diferente. Não chagava a atrapalhar o meu trabalho, para o qual ainda conseguia uma concentração suficiente. Para dar mais um tom de ironia na situação, caíram-me nas mãos diversos projetos de pecuniária para analisar e, dentre eles, um solicitando ao banco financiamento para a criação de

cabritos. Coincidiu com o meu gosto por estes animais. Confesso que dava prazer analisar o projeto depois de ter almoçado um bom prato de cabritos.

Felizmente este axacerbamento do gosto pelas carnes e esta sucessão de ciclos de atração por diferentes animais cessaram e o que se seguiu foi um período em que continuava a comer carnes mas sem grande discriminação. Agora, a vida estava tranquila e era como se meus desejos estivessem adormecidos ou aquietados. Tinha entrado em um período de paz, que sempre fora muito raro em minha vida. Andava é verdade muito solitário, mas não sentia grande falta de companhias. Voltei a ir de vez em quando ao sítio e mesmo quando me afastava por um dia ou dois da samambaia não sentia os efeitos negativos.

Quando a presença da samambaia começava a apagar-se um pouco, ocorreu um fato que considerei um pouco assustador. Um dos projetos que eu examinava no banco envolvia a expansão de um frigorífico e tive de visitá-lo. Ficava lá para os lados de Santa Cruz. Depois de recebido pelos diretores, com quem discuti alguns detalhes mais obscuros de suas pretensões, foi sugerido que eu visitasse tanto o matadouro quanto os frigoríficos. A matança dos bois deixou-me indiferente, não sentindo por eles qualquer compaixão e até pensando que o que acontecia diante dos meus olhos não fosse senão mais outro movimento do ciclo cósmico. No frigorífico, foi diferente: a carne crua atraiu-me extraordinariamente e não consegui conter o desejo de devorar – esta é a palavra: devorar – um pedaço. O impulso neste sentido foi tão forte, que quase fui pilhado em flagrante pelo grupo que me acompanhava. Felizmente, um pequeno carro que servia ao transporte de carne postou-se entre nós, fazendo uma manobra, o que me deu tempo de limpar a mão e a boca do sangue que os manchava.

Fiquei tão sobressaltado que encurtei ao máximo a minha estadia no frigorífico e não aceitei, alegando outros compromissos, o convite para almoçar. Um dos diretores tentou aliciar o meu apetite, mencionando um maravilhoso baby-beef, mas foi em vão. É possível que todos tenham percebido a minha agonia, pois não tentaram reter-me com mais cortesias e atenções, como em geral eu era tratado sempre que visitava as empresas que pretendiam financiamento.

Não voltei ao trabalho e fui direto para casa. Estava realmente preocupado com o que ocorrera comigo. Não somente considerava o gesto primitivo mas também perigoso, pois se começasse a fazer coisas do gênero acabaria internado em um hospício. E foi só quando estava abrindo a porta de casa que liguei o fato que me chocara com a samambaia. Terei eu me comunicado com ela? Não sei, mas alguma coisa passou-se entre nós, pois imediatamente após ter fechado a porta e estar plantado diante dela, senti que tudo o que viera acontecendo – desde as roupas verdes até o gosto pela carne crua no frigorífico – tinham se tornado passado e que eu entraria agora em uma nova fase. Como se manifestou isto?

Em um primeiro momento, senti como se a samambaia se dirigisse a mim e que estava voltada para mim, em qualquer lugar do apartamento. Parecia que pretendia dizer-me alguma coisa. Mas foi no meio de um banho que senti a mudança: uma parte de meu espírito tinha sido tomado pela samambaia e agora, com ela dentro de mim, poderia me comunicar plenamente.

O que aconteceu talvez possa receber o nome técnico de possessão. Posso descreve-lo como sendo a ocupação da parte esquerda do meu corpo por uma planta como a samambaia – digo como a samambaia, porque ela continuava no mesmo lugar na sala – cujas raízes perdiam-se

na altura de meus pés e cujas partes mais elevadas encontravam-se no meu coração. A presença desta planta em meu interior não causava qualquer embarco porque eu sentia como algo interior e quando olhava para estas partes do corpo com os meus olhos, via o corpo como naturalmente sempre se apresentou. Outra forma de descrever o que me aconteceu seria da seguinte forma: o meu lado esquerdo de dentro estava ocupado por uma samambaia chorona; ou ainda: imaginava que o meu lado esquerdo de dentro fora tomado por uma samambaia.

Não custei a descobrir que esta samambaia interna podia conversar comigo e a primeira coisa que me disse é que era a minha esposa. Ouvir isto em estado de semi sonolência, um pouco antes de adormecer é uma coisa, ouvir debaixo do chuveiro frio, às sete da noite de um fim de semana, é outra, reconhecidamente diferente. E some-se que no mesmo dia, eu havia devorado carne crua em um frigorífico.

Diante das alternativas de que dispunha – ir ver um psiquiatra ou tratar a situação com humor – escolhi a segunda. E depois de desligar o chuveiro, sentei-me sobre o piso do box e comecei a conversar com a minha parte samambaia. Não posso dizer que foi uma conversa articulada pois ela parecia despertar de uma longa sonolência e falava de um modo estereotipado, repetindo frases. Perguntei o seu nome e ela disse: samambaia chorona. Eu disse então que isto era o nome genérico e indaguei se ela não tinha um nome próprio. Não pareceu entender e o que respondeu é que era a minha esposa. Como eu dissesse que não havia ocorrido nenhum casamento, ela disse que eu acabaria me convencendo que era o seu marido. Perguntei se o que tinha acontecido nestes últimos dias se devia a ela. Disse que sim e que estando eu ainda cheio de dúvidas ela me daria provas. Afirmou também que doravante eu teria um

poder que jamais tivera antes, mas que não se tratava de algo incomum ou miraculoso. Apenas um poder.

Perguntei pelas provas e ela explicou que três coisas ocorreriam. Em primeiro lugar, uma pessoa importante ligaria para mim. Em segundo lugar, acharia um tesouro. E em terceiro lugar, seria procurado por uma pessoa do meu passado. Assim, encerrou-se a nossa conversa e quando eu me enxugava, deixei de sentir a presença da samambaia.

Às sete horas da manhã do dia seguinte, recebi um telefonema de Manaus. Dizia ser o governador do Amazonas e me tratava com grande intimidade e carinho. Desculpou-se por me ligar tão cedo mas precisava de uma resposta minha para resolver um problema urgente. Perguntou-me se eu aceitava o cargo de Secretário da Fazenda. Aquilo me parecia um trote e eu pedi para pensar um pouco, devendo telefonar-lhe dentro de uma hora. Pedi o seu telefone e ele estranhou, indagando se eu não o tinha de cabeça, porque ligava para lá todo dia. Afinal, deu-me o telefone, que pude conferir pela telefonista do DDD. Confesso que o convite me emocionou e cheguei a pensar em responder afirmativamente. Percebi que se confirmava a primeira prova da samambaia. Liguei ao governador que me atendeu no mesmo tom em que me falara e disse que aceitava o convite. Ele disse para viajar para Manaus no dia seguinte e perguntei pela passagem. Ele estranhou dizendo que eu tinha as passagens e me perguntou se eu ainda estava dormindo. Percebi que havia um mal entendido, o que se confirmou. Mudando de assunto, o governador começou a falar sobre exportação de pimenta do reino para o reino da Dinamarca e de cadarços de sapatos para a Nigéria. Eu fiquei mudo. Daí a pouco, o governador disse que ia passar o telefone para a sua irmã que me chamou de Tiquinho e me pediu para trazer cinco sutiãs. Perguntei pelo

tamanho dos sutiãs e ela disse que eu não era Tiquinho coisa nenhuma. Passou o telefone ao governador que disse que eu era um cafajeste, que tomara o tempo de uma autoridade e que em outras eras pagaria caro por toda a brincadeira. Desligou dizendo algo que parecia ser um palavrão. Chamou-me de “carpacu”¹. Não me interessei em averiguar se isto constituía ofensa grave no norte do país.

Sei que toda a situação não deixava de ser decepcionante, mas possuía também um lado engraçado que me divertiu o dia inteiro. Sem dúvida uma pessoa importante havia me telefonado e isto certamente não acontecia todo dia. Aguardei então a segunda prova.

O fim de semana passei no sítio, para onde levei toda a minha papelada para fazer imposto de renda. Sempre costumara dar o serviço a um contador mas desta vez tinha tempo e resolvera fazer tudo eu mesmo. Nas manhãs ficava tomando banho de sol e lendo jornal e trabalhava a tarde inteira.

O caseiro deu-me a notícia quando já quase escurecia. Havia encontrado uma caixa quase a flor da terra, quando fazia uns novos canteiros com hortaliças. Fui até lá e retiramos do solo uma grande mala de madeira e ferro.

Não posso dizer que era um tesouro, pois o baú não continha dinheiro ou barras de ouro. Achava-se no interior um aparelho de porcelana inglesa completo e que datava do século XIX, mais precisamente, estava impresso nos pratos: London, 1867, como e por que fora parar lá, não tinha a menor ideia e, confesso, podia ser que em outra oportunidade eu buscaria investigar, mas agora estava pouco interessado.

¹ Nota da editora: não consta do Dicionário do Aurélio.

Pensei longamente a respeito do achado, especulando sobre se era ou não um tesouro. Tinha provavelmente bastante valor, caso eu me dispusesse a vender, o que não era o caso. De qualquer forma, ocorreria um achado inusitado e, segundo o caseiro, que ajudou a sua mulher a lavar toda a louça – o que custou bastante tempo – eu havia achado um tesouro. Ele me disse que como tinha sido em um baú enterrado, e como havia coisa de valor, era um tesouro.

Bem, sem desvalorizar as opiniões de um caseiro, se posso discordar dele acerca do que classificar como tesouro, outro tanto posso dizer no mínimo em relação a uma samambaia chorona. Considerei, portanto, que a sua segunda prova tinha ocorrido.

Comecei a esperar a terceira prova e isto demorou bastante, se comparado com o pequeno espaço de tempo entre o telefonema do governador e o achado do baú com as louças. Foram quase duas semanas, durante as quais me senti bastante bem, sem, no entanto, ter qualquer novo encontro interior com a samambaia. Ela permanecia com o mesmo viço lá na sala mas tinha retornado à sua antiga posição decorativa, imponente mas decorativa. De minha parte sentia-me muito bem, fato que foi notado no trabalho, onde a minha assiduidade foi elogiada, e, infelizmente, foi nesta semana que meu pai teve um pequeno problema cardíaco e isso afastou-me do trabalho. Isto me obrigava a ir diariamente ao hospital, de início e, depois a sua casa. Até agora mencionei muito ligeiramente meu pai – e isto foi a propósito das provocações de Julia – mas estou certo que ele não deixará de ocupar o espaço que merece nestas linhas.

O hospital, onde meu pai permaneceu por uma semana, ficava em uma pequena rua de Copacabana, muito atravancada por carros e onde era

difícil entrar e de onde era difícil sair, embora eu tivesse um estacionamento garantido no hospital. Assim, deixei o meu carro em uma rua próxima e vim a pé. No caminho, encontrei pessoa do meu passado.

Foi no hall do hospital, esperando o elevador, do qual saíram várias pessoas, dentre elas um homem corpulento mais ou menos a minha idade. Eu já ia entrando, quando ele segurou o meu braço e disse o seu nome. Ele percebeu que eu não o tinha reconhecido, mas isto não o afetou, porque disse rapidamente quem era. Tratava-se de um colega de ginásio, o Armando. Não me recordo exatamente, mas devemos ter cursado juntos o segundo e terceiro anos de ginásio. Não tínhamos muita afinidade, porque eu gostava de estudar e ele abominava os livros. Um episódio nos uniu: ele tinha pretensões a galã de cinema e soubera que uma companhia estava precisando de figurantes. Eu não me interessava pela história, mas ele tanto insistiu que nos mandamos para os estúdios na Tijuca. Deixamos uma foto e nossos dados. Passaram-se vários meses e no verão seguinte fomos chamados e, vestidos de smoking, participamos da cena de uma recepção. No ano seguinte, ele mudou de escola e não o vi mais.

Nem mencionei a lembrança, pois mal pude falar. Ele estava muito loquaz e disse-me que o haviam atacado pelas costas. Perguntei se fora algum assalto e ele respondeu que não: eram hemorróidas. Havia sido operado e estava saindo. Pulou de assunto logo, dizendo que tinha uma corretora. Ou melhor, corrigiu, trabalhava em uma corretora. Puxou um cartão e me entregou, dizendo que eu precisava investir em ações e que ele se lembrava que provavelmente eu me preocupava mais com as coisas intelectuais do que com a vida prática. Depois, voltou para as hemorróidas, dizendo que a culpada tinha sido a pimenta. E, depois de um forte abraço de despedida, disse que tinha de ir porque a filha fazia quinze anos e

precisavam dele para organizar a festa. Foi então que lembrou de perguntar o que eu tinha feito. Desculpou-se dizendo novamente que tinha de ir e pediu que lhe ligasse.

Estava eu com as três provas. Mas depois de tudo o que contei, seria de esperar coisas grandiosas, grandes acontecimentos ou encontros incríveis. Até me surgiu a comparação com o poker: você tem três noves na mão, depôs de ter pedido as duas cartas. Não dá para grande coisa. Argumentei comigo mesmo que a samambaia não havia prometido nada de extraordinário: apenas três acontecimentos. E eles ocorreram. Restava-me esperar, agora, o cumprimento de sua promessa: eu teria o poder.

Logo no dia seguinte ao encontro com Armando, a minha samambaia interior voltou a entrar em contato comigo. O local e o momento não poderiam ser considerados menos indicados. Uma diarréia de causa desconhecida obrigava-me a frequentes idas ao banheiro. Numa delas, reencontrei a minha adorada planta.

Falei em “adorada planta” porque nesta altura, eu não estava levando muito a sério a situação. Parecia ter esquecido completamente aqueles momentos estranhos em que cultuava o verde e, em seguida, em que fora possuído pela insânia carnívora. É natural que a gente se esqueça das dores e problemas, ao menos de sua intensidade, quando o tempo vai passando. E, agora, encontrar-me de novo com a planta em meio a uma brutal diarréia tirava a dramaticidade de tudo.

É preciso notar a particularidade que nas duas vezes em que entrei em contato com a samambaia, eu me encontrava no banheiro. Se foi coincidência, não sei. O que aconteceu é que depois que saí do banheiro, continuei mantendo contato com ela. De fato, quando ela me apareceu novamente, eu mesmo perguntei se não achava engraçado tomar-me

naquele momento. A sua resposta foi sem humor e perguntou-me se eu estava satisfeito com as provas. Respondi que sim, sem expressar minhas dúvidas especulativas e perguntei pelo poder.

Um poder me foi dado: limitado, porém, real. Por exemplo, tornei-me capaz de dizer o número de pessoas que se encontravam no elevador que eu estivesse a esperar. Os erros eram mínimos: um em cada dez casos. Mas não era capaz de antever os resultados da loteria esportiva, da loto ou os movimentos da bolsa. Também era com grande frequência que ao procurar um assunto em um livro, abria exatamente na página. Conseguia levitar, erguendo mais ou menos uns dois centímetros acima do chão e também fui capaz de entortar alfinetes com o que poderia talvez chamar de poder da mente. Entretanto, ao tentar exhibir estes poderes a várias pessoas, nada se confirmou.

SAMAMBAIA CHORONA

IV

Promovi dois encontros para exibir meu poderes. A minha ideia era de que não queria que as mesma pessoas soubessem que eu era capaz de levitar e de entortar objetos metálicos. Os sinais de que estes poderes estavam sendo realmente exercitados tornavam-se mais fortes e eu não tinha dúvidas a respeito. Além disso, eu não desejava apresentar-me com tais poderes e diria tão somente que tudo fora fruto de uma observação casual. No íntimo, porém, as coisas andavam diferentes. Surgiu uma fantasia muito forte acerca do crescimento destes poderes e cheguei a me imaginar na televisão, exibindo-os e tornando-me uma figura de renome nacional. Pensei, inclusive, numa situação, em que me apresentaria em Manaus e o governador viria assistir, sendo a ele apresentado, lembrando-o o equívoco ao telefone e riríamos juntos diante de uma caldeirada de tucunaré.

Para o primeiro teste, chamei à minha casa um casal que eu não via desde o tempo de Julia. Era o Camargo e a Marina. Pensei muito antes de convidá-los. Achei que eram os tipos ideais: nem eram interessadíssimos em assunto desta natureza, para me crivar de perguntas, nem eram céticos, para tornar a demonstração uma piada. Realmente, o que sempre tinha unido os dois foi uma espécie de curiosidade universal e que tinha sem dúvida algo de superficial. Uma vez Julia chamou-os de “casal acredite se quiser” e acho que ela não foi inteiramente justa com eles. Eles passavam por fases: sexologia, astrologia, medicina oriental, zoologia marinha. E todos os elementos de cada fase era arrumada em sua casa – moravam em uma grande mansão no Grajaú – que se tornara então no museu arqueológico de seus interesses abandonados. A cada fase

entregavam-se com razoável ardor mas com o cuidado de quem está sabendo de que se trata de interesse passageiro. Talvez a fase sexológica seja aquela que venha a despertar a maior curiosidade do leitor.

Camargo e Marina não poderiam ser considerados um casal sensual. Camargo, por exemplo, era um tipo mais para baixo e meio gordo e isto devia inspirar às mulheres mais uma vontade de comer um pedaço de pizza do que ir para a cama. Já Marina tinha um corpo que a natureza não dotava de qualquer protuberância, e seus lábios finos e suas mãos ossudas não provocariam qualquer desejo de contato. O casal poderia ser classificado como sexualmente insosso.

A sua fase sexológica consistiu basicamente em uma pesquisa ampla e sem preconceitos sobre o que a nossa cidade oferecia a respeito. O que tornava curiosa a pesquisa era que os dois não estavam buscando nem prazer nem auto-realização e muito menos uma melhoria de seu relacionamento, que consideravam mais que satisfatório. Era mera curiosidade. Uma parte de sua fase sexológica não a peguei: aquela a que se devotaram aos vídeos pornô e a toda parafernália dos pornô shops. Quando se visitava a sua casa era-se amplamente apresentado a tudo, sem que isto se tornasse uma imposição. As conversas sobre o material utilizado – os vibradores, os anéis de borracha, os pênis duplos – eram um objeto de comentários quase sempre sensatos. Os vídeos eram catalogados segundo os aspectos diferenciais e julgados segundo a contribuição em termos de ângulos de focalização e das taras.

Quando consideraram terminada a pesquisa dos vídeos e dos pornô shops - que chamaram de etapa industrial – ingressaram na fase de investigação dos anúncios na imprensa. Tal etapa foi denominada de “energia humana disponível” e dividiu-se em dois momentos: profissional e

amador. Consistiu primeiramente ao exame dos serviços profissionais oferecidos e, para tanto, tiveram de desprender uma soma considerável em recursos, em parte para o pagamento das pessoas e em parte na difícil cura de uma quase desconhecida doença venérea. Sobre o caráter desta moléstia, foram sempre muito lacônicos em sua descrição, mas imagino que causou pesados estragos, já que tiveram de abandonar qualquer pesquisa de campo por quase seis meses. Depois do período de tratamento – em que interromperam suas incursões no terreno prático e resumindo sua atividade a uma correspondência com conhecidos sexologistas europeus e americanos – começaram a vasculhar o terreno amador. Não o acharam muito interessante, afirmando que os profissionais possuíam mais audácia e imaginação e, em pouco tempo consideraram finda a sua fase sexológica. Depois de breve período em que nada despertava a sua curiosidade, voltaram as suas vistas para a zoologia marinha.

Quando os convidei para virem à minha casa, estava certo de que o convite seria bem aceito e estranhei o seu atraso. Esperava-os às nove horas e já passava das dez sem que eu tivesse recebido qualquer notícia. O convite tinha sido feito no dia anterior e não chegara a conversar mais longamente para saber qual era o seu atual objeto de interesse. Suspeitei que o atraso estava ligado a isto. Não errei. Chegaram esbaforidos quando já passava das onze. A sua roupa estava amarfanhada e havia alguns ferimentos nos braços de Marina. Começaram a contar o que houvera afinal. Camargo relatava o principal e Marina dava os detalhes.

Não sabiam como classificar atualmente o seu objeto de curiosidade: começaram, há não muito tempo, a olhar com interesse os mendigos que atulhavam a cidade e especialmente os papeleiros, que percorriam as

nossas ruas com seus toscos carrinhos, procurando papel e metais velhos para vender. Queriam saber quem eram estas pessoas, o que pensavam e como viviam. Em relação aos papeleiros, Camargo formulara uma teoria segundo a qual, o capitalismo acabara por fincar as suas raízes na base mais pobre da população e estava disposto a pesquisar qual o entendimento que eles possuíam acerca do funcionamento do sistema econômico. Entretanto, havia um outro lado, que era especialmente novo no casal: permeava o seu interesse uma intenção de fazer a caridade. Não nos asilos ou orfanatos, que deixaram para outra fase. Desejavam praticar a boa ação diretamente e, para tanto, percorriam as ruas, procurando os pontos de encontro daqueles grupos. Encontrando-os, davam-lhes jornais que recolhiam junto aos vizinhos e, pelo menos uma vez por semana, carregavam consigo um grande caldeirão de sopa de legumes com carne, que distribuía aos desprovidos. A atividade vinha se desenvolvendo e nas duas últimas semanas fizeram numerosos contatos e tornaram-se conhecidos. Camargo chegou a pensar em fazer uma reunião dos papeleiros, para fornecer-lhes algumas noções de economia e de administração, enquanto Marina pretendia ministrar-lhes lições de higiene. O que complicava bastante a atuação dos dois era que a maioria dos mendigos e dos papeleiros possuía um grande amor a cachaça e quase sempre se encontravam bastante embriagados.

Naquela noite, antes de vir para a minha casa, os dois foram a um área do Aterro, perto do Museu de Arte Moderna, onde já tinham distribuído sopa na semana anterior. Segundo me contaram, foram bem recebidos inicialmente e ao que parecia, haviam si aguardados com ansiedade. Entretanto, depois da entrega do papel velho e da distribuição da sopa, o clima mudou e eles foram segurados à força, e viram que seriam

violentados. Tiraram-lhe a roupa e iam começar tudo, quando, por sorte, apareceu um carro de polícia, atraído pelos gritos.

A complicação não terminou aí. Os mendigos e os papeleiros saíram correndo, quando os policiais atiraram para o ar e deixaram o casal estirado no gramado sem roupa, com a qual fugiram. Não foi simples explicar como tinham ido parar ali, o que estavam fazendo, pois os policiais pareciam tomá-los como loucos ou mentirosos. Além disso, todos os seus documentos tinham sido carregados. A única luz que havia no local era de uma pequena fogueira. Os policiais foram até o carro da patrulha, pegaram a lanterna e começaram a vasculhar na área próxima, onde felizmente encontraram intactos a roupa do casal, com seus documentos. Vestidos, tiveram de ir até a delegacia para esclarecimentos e daí vieram a minha casa.

Nenhum dos dois parecia perturbado demais pelo que acontecera. Camargo disse que problemas sempre tinham sido comuns em qualquer uma de suas fases, sinal de que não estavam para brincadeira e que colocavam sempre a curiosidade acima de qualquer risco. Além disso, considerava que sem esta dedicação ao conhecimento, a vida dos dois seria absolutamente sem graça. Não sabia, porém, se haveria condições de prosseguir com os mendigos e os papeleiros. Já Marina olhava as coisas por outro ângulo: pudera ver, mesmo com a pouca luminosidade do local, o tamanho do membro que haveria de penetrá-la. Pediu-me uma régua e calculou que tivesse cerca de trinta centímetros por uns cinco de diâmetro e disse que aquilo a destruiria, mas que faria um estrago maior em Camargo. Este disse que o vira de relance, pois estava de costas, mas tinha certeza de que não possuía as dimensões que Marina lhe atribuía. Alegou então que diante da exiguidade da luz e da confusão do momento,

a nossa capacidade de avaliação das dimensões reduz-se muito. Marina não discutiu e o assunto morreu quando ofereci bebidas.

Mais tranquilos, eles puderam retomar comigo o tom de velhos amigos. Marina chamou-me de ingrato por ter sumido inteiramente por quase um ano. Eles sabiam do meu casamento com Alberto, tendo, como se recorda o leitor, participado de uma comédia de equívocos no jantar que lhes oferecemos, mal haviam passado os primeiros trinta dias de nossa vida conjugal. Perguntaram por ele e quiseram saber detalhes sobre a nossa separação. Falei-lhes sobre isto e relatei o nosso recente encontro, quando me anunciou o seu casamento com seu Alexandre, que conheciam apenas de nome.

Já estava ficando tarde e eu estava perdendo a oportunidade de lhes mostrar que conseguia levitar. Não sabia como introduzir o assunto e não pretendia contar acerca da samambaia. Não é que deixariam de acreditar. Conforme se pode perceber, trata-se de um casal extremamente aberto para todas as facetas da realidade, muito embora até o presente não tenham mostrado maior curiosidade para as coisas místicas, a não ser pela astrologia, que, diga-se de passagem, não lhes prendeu a atenção. Devia ser umas duas da manhã, quando Marina disse que eu devia casar novamente e que tinha conhecido há alguns meses uma moça que me caíria como uma luva, na expressão dela. Brinquei com a imagem de Marina, mas confesso que a sugestão não moveu a minha imaginação. Não percebendo o meu desinteresse, Marina insistiu. Disse que a moção tinha vinte e nove anos e era muito inteligente e trabalhava no Jardim Botânico, comecei a achar interessante. Nesse ponto, a samambaia foi mencionada. Até notara que o casal, desde que chegara, é verdade muito envolto pela emoção do incidente, não fizera qualquer referencia à planta

que tão imponentemente dominava a minha sala. Ela tinha sido notada finalmente, mas de um modo superficial: Marina disse que eu e a moça, que se chamava Gina, tínhamos em comum o gosto pelas samambaias, que era o mais importante objeto de estudo dela sobre a qual escrevera suas teses de mestrado e de doutorado.

Não dei muita importância a esta coincidência. Que relação pode haver, por exemplo entre um estudioso de caramujos e uma pessoa que mantém com um determinado caramujo a relação que estava ocorrendo entre eu e a samambaia? Certamente nenhuma. Pelo contrário, as visões serão na maior parte dos casos tão dispares que é possível prever um antagonismo à primeira vista. Para não alongar o assunto, resolvi mostrar interesse e Marina disse que logo iria dar um jantar e nos convidaria.

Nesta altura, Camargo já cabeceava de sono, embora Marina estivesse bem desperta e disposta aparentemente a conversar até o raiar do dia. Era a última oportunidade para eu mostrar a levitação, naquela noite. Inventei então uma história sobre um método de ioga que estava experimentando para aliviar minhas tensões e que um dia descobrira que em determinadas posições conseguia o surpreendente efeito de levitar. O assunto não teve grande repercussão e Camargo disse com franqueza que estava muito cansado e que precisava dormir porque tinha de acordar muito cedo e, além disso, depois da tentativa de estupro qualquer pessoa precisa de um pouco de repouso. Marina, um pouco mais interessada, pediu-lhe que esperasse mais um pouco.

Logo em seguida eu estava no tapete inventando posições, para justificar toda a história do método de ioga. Depois, deitei-me de costas e senti realmente que estava levitando. Como sempre, estava a uma pequena distância do chão, só havendo um jeito de prová-lo: passar uma

folha de papel sob o meu corpo. Pedi a eles que o fizessem, com uma folha dupla de jornal e ocorreu o lamentável fato de que meu corpo esteve realmente colado ao chão. Marina e Camargo acharam graça e disseram que eu resolvera pregar-lhes uma peça. Não insisti e em pouco tempo estava me despedindo deles com promessas mútuas de nos rever em breve.

Tive de admitir para mim mesmo que a levitação deveria ser mera impressão e não estando em contato com a samambaia interior, falei raivosamente com a planta que me ouviu indiferente na sala. Tentei outra vez no tapete e de novo senti levitar, conseguindo com um movimento mais ou menos malabarista fazer passar o jornal sob o meu corpo. Eu estava convencido, que importava se não pudesse mostrar aos outros? Eu não pretendia viver de espetáculos públicos. E fui certificar-me mais uma vez acerca da minha capacidade de entortar objetos, o que fiz na cabeceira de minha cama, antes de dormir: tinha posto dez alfinetes em cima da mesa de cabeceira. Pensei que desejava entortar dois e diante dos meus olhos, os dois da esquerda curvaram-se em um ângulo de quase noventa graus. Dormi feliz.

No dia seguinte, ocorreu-me que deveria mostrar estas coisas ao Joça, cujo interesse por assuntos desta natureza era grande. Ele havia nos encontrado, a mim e a Madga no restaurante, no dia seguinte ao escândalo que ela dera, e pedira para procurá-lo. Liguei para ele, que se dispôs a vir na mesma noite, depois do jantar, pois já combinara fazer esta refeição com outra pessoa.

Às dez horas tocava Joça a minha campainha. Não parecia abatido como da outra vez que o vira. Pelo contrário, seus olhos brilhavam e parecia feliz.

Tirou o paletó e a gravata e sentou-se, recusando a bebida que lhe ofereci. Quando preparava algo para mim, foi contando que sua vida mudara e que não queria saber mais de misticismos. Estava curado de uma crença que só servira para atrapalhá-lo. Perguntou-me se me lembrava do que me dissera no restaurante. Recordava-me muito bem que ele falara em uma pessoa que havia conhecido e que pretendia apresentar-me. Falou também de Madga perguntando quem era e contei-lhe superficialmente a nossa história, que não o interessou.

Pretendia falar-lhe sobre a samambaia e sobre os poderes. Era visível que a receptividade para estes assuntos seria mínima ou nula. Joça parecia revoltado por ter dedicado tanto tempo a estes assuntos e que considerava encerrado tal capítulo em sua vida. Perguntei-lhe os motivos e ele disse que por anos havia buscado algum sinal. Lera muito, entrara em contato com seitas e ultimamente havia conhecido um grupo que pretendia dominar as forças místicas através de um rito macabro, que envolvia uma forma de canibalismo.

Disse ele que, se a humanidade, como um todo, não estava irremediavelmente perdida, ao menos uma boa parte assim se encontrava. Não sabia o que queriam. Certamente não era a felicidade. Podiam bem começar as suas buscas para encontrá-la mas o que predominava, logo a partir de tanta frustração, era uma total falta de orientação, que tornava as pessoas incapazes da mínima discriminação.

Contou, também, que ao conhecer, através de um colega de trabalho, uma moça do grupo, foi falar com os dirigentes e abriu-lhes o coração. Não buscava o misticismo por alguma razão material. Sentia, isto sim, que havia uma senda espiritual, por onde poderia crescer. Foi muito bem recebido e lhe deram umas brochuras em que era explicado o sentido das

ideias do grupo que considerava a jaqueira uma árvore sagrada. Um dos importantes objetos rituais era uma enorme bola feita de visgo de jaca e havia um preparado feito de folha de uma jaqueira na Bahia, onde aparecera a um dos chefes da seita o próprio Jesus Cristo.

O que as práticas religiosas ofereciam? Paz? De jeito nenhum: consideravam que o único estado possível era a turbulência e que a paz era ilusão. Felicidade? Consideravam que se tratava de algo inteiramente ultrapassado e apenas os tolos – chamavam de tolos os demais seres humanos não ligados à seita e a si mesmos de divinos – ainda pensavam nisso. E chamavam de “barato” o que sentiam cada vez mais que se aprofundavam em suas práticas. Joça nunca entendeu muito bem de que se tratava. Chamavam de “barato” três coisas, pelo menos. A primeira era o falar constante uns dos outros. Era lícito tanto falar bem quanto mal, havendo uma preferência absoluta pela segunda abertamente. As coisas não eram ditas em público, mas particularmente, circulando amplamente e originando verdadeiras ondas de ódio. Ofensores e ofendidos não ficavam jamais cara a cara, mas reagiam com novas histórias sempre verdadeiras. Todos haviam desenvolvido uma capacidade de perceber os aspectos, por assim dizer, podres dos outros.

Também era chamado de “barato” o próprio ritual que consistia em duas ou três práticas distintas. A primeira era um relato que Joca disse ser enfadonho das origens do grupo e da visão de Cristo na jaqueira baiana. Parecia um momento da escola primária em que todos os alunos lêem alto e juntos um trecho da cartilha. A segunda prática envolvia a bola do visgo de jaca. Esta devia ter cerca de um metro de diâmetro e ficava sendo empurrada de um lado para outro dentro de um círculo de cerca de cinquenta pessoas. Aquele que ficasse com a mão ou as mãos presas ao

visgo tornava-se o escolhido da noite. O seu corpo era preso à bola e com ela rolava. Depois tinha obviamente de ser limpo, para o que usavam querosene. E o infeliz – Joca assim considerava os escolhidos, jamais tendo sido um deles – ficava mergulhado em um tambor por quase um dia inteiro.

Não fiz qualquer comentário, vendo que estava certíssimo por não ter mencionado a história da samambaia. É óbvio que havia alguma relação entre este culto da jaqueira e a minha relação com a samambaia: algo de vegetal no ar. O que significaria isto?

A terceira coisa que era chamada de “barato” tinha realmente assustado e repugnado o Joca. Após o rolar da bola de visgo de jaca, todos tomavam uma poção feita de folhas da jaqueira baiana. Bebiam o caldo e ficavam mascando as folhas, ao mesmo tempo que batiam com os pés e com as mãos. Até aí nada demais, mas Joca soube que havia outro ingrediente: carne humana. Levou algum tempo para ter este conhecimento. Os membros da seita falavam no elemento vital ou maná que também era colocado no caldeirão. Joca pensara que era alguma erva, mas ao encontrar um pedaço de algo um pouco duro em seu pote, viu que parecia carne. Não foi difícil saber que era de gente, pois se a tratavam com um nome especial, não era na verdade um segredo.

A seita possuía ramificações em algumas capitais, mas aqui na cidade existia apenas este grupo. Era chefiado por um trio, dois homens e uma mulher. Logo após o rito, Joca foi direto falar com um deles, que era investigador de polícia. Era um sujeito magro que fumava muito e fora com ele que Joca tivera inicialmente e várias vezes já haviam conversado e Joca percebera que havia algo, como que um apadrinhamento: cada chefe possuía sob sua responsabilidade uma parte do grupo. Evidentemente,

cada chefe também falava coisas abomináveis sobre os outros dois, mas, como já mencionamos, isto fazia parte do “barato”.

Joca não fez rodeios e perguntou diretamente se aquilo era mesmo carne humana. A resposta afirmativa foi pronta e sem mistérios. Todo dia quinze, era conseguido no necrotério um pedaço de algum indigente que tivesse morrido acidentalmente, de preferência de atropelamento. O chefe explicou que este pedaço não faria qualquer falta e até teria um efeito positivo sobre o carma do morto. Ao ouvir isto, Joca vomitou e começou a tremer como se estivesse com febre. E ao relatar-me vi que se tornou alterado, perdendo aquele ar risonho com que aparecera em minha casa.

Diante dos vômitos e da tremedeira, os outros membros da seita que ainda se encontravam por lá correram para ajudá-lo e o próprio chefe segurou-o. Não quiseram entender que se tratasse de um misto de náusea e de indignação. Disseram que Joca estava recebendo o espírito da jaqueira e que em breve ele poderia subir de grau.

Isto foi suficiente para Joca nunca mais voltar. Embora pensasse que eles o procurariam para saber o que estava acontecendo, nunca lhe telefonaram. Ele sentia que todo o grupo como que havia perdido a noção do que era uma pessoa, de modo que a própria ideia de consideração ou de respeito não fazia sentido. Contou então que agora partia para aceitar as coisas como são e as suas próprias misérias e limitações, sem tentar ir além. Procurara sua ex-mulher – a segunda, porque a primeira tinha se casado com um australiano e se encontrava em Bornéu – com quem tinha dois filhos. Pretendia voltar a viver com ela, caso o aceitasse de volta. Lembrou que a separação fora motivada exatamente pelas suas tendências místicas, que a mulher não suportava. Agora, para dar vazão

aos sentimentos transcendentais, que ele sabia não poder reprimir inteiramente, tentaria alguma coisa no plano artístico. Música, talvez.

Ele ficou ainda bastante tempo e a conversa tornou-se amena. Contei-lhe sobre a doença de papai e disse que iria logo visitá-la. Abandonei qualquer ideia de contar-lhe sobre a samambaia e sobre o entortamento de alfinetes, e falamos de política, economia. Ele pediu para passar um fim de semana no sítio com a mulher e as crianças. Disse-lhe que podia ir até no próximo fim de semana e lhe dei algumas explicações acerca do funcionamento da casa, pois ele só fora lá uma vez e ficara bem pouco tempo.

Joca foi embora lá pelas três da manhã. Fiquei ainda bastante tempo acordado, pensando na sua história. Estava sentado no sofá. Levantei-me e fui até a samambaia que como sempre estava viçosa e perfeita em todas as suas folhas. Pensei que esta realmente era uma planta mágica ou então tudo não passava de uma loucura minha. Neste momento, tive a impressão de que a planta voltava-se para mim e não sei direito se a voz que ouvi era interior ou vinha de fora. Disse-me que fizera falhar os meus poderes diante de Marina e Camargo, para que eu deixasse de ser tão descrente. E que fora ela que me levava a chamar o Joca, para que ouvisse esta história, que nada tinha a ver com a nossa. Falou também que estávamos realmente casados e disso eu não poderia escapar, mas eu lhe agradeceria por tudo. Perguntei-lhe como poderíamos nos casar se ela era do reino vegetal, como teríamos relações sexuais, como nos beijaríamos, como teríamos filhos. Ela disse que tivesse paciência e logo veria.

Duas noites depois pude ver ao que a samambaia estava se referindo. Sempre tive sonhos pífios e, digamos, esta era a parte de minha vida de menor intensidade e interesse. A minha vida conjugal com a planta – em

sua parte carnal, digamos assim – deu-se nos sonhos. Alguém poderia achar isto uma bobagem, como fazendo parte de um delírio total.

Entendam como quiserem: nosso casamento foi um sonho; ou foi em sonho. O que importa é que estes sonhos fizeram-me por bastante tempo talvez uma das pessoas mais felizes da terra. Ao longo dos sonhos, noite a noite, conheci e acabei casando-me com uma mulher encantadora, que tinha uma particularidade: era verde e o seu nome era Samambaia Chorona.

O leitor, que até este momento esteve certamente intrigado com o relato, deve ter matutado até aqui, pensando: como é que ele, isto é, eu – vai dar um jeito nesta história que certamente está a inventar. Pode ser que até considere engenhosa a minha “solução”. A outra – a transformação da samambaia em uma mulher de verdade – seria inteiramente inverossímil ou sinal de minha completa loucura.

Cheguei a conversar com a samambaia sobre a sua transformação em mulher. Ela disse que adoraria que isto acontecesse porque assim me teria por inteiro, mas não era possível: não tinha poderes para tanto. Assim, a solução encontrada era uma relação homem-planta durante a vigília e homem mulher-planta durante o sono. Já irei descrever melhor esta situação, mas, antes gostaria de observar que em tantos casamentos os dois cônjuges atuam como se fossem vegetais – na acepção corrente do termo, de modo que, em comparação a estes casos tão numerosos, eu me encontrava em vantagem.

Não posso relatar detalhadamente o que me aconteceu nos sonhos, porque constituía toda uma vida. Foram noventa noites, cada uma delas com vários períodos de sonho. Neste período, vivi uma relação de anos com a mulher verde, que, infelizmente, terminou de maneira trágica.

Durante estes noventa dias, a minha vida transcorria normalmente. Não recebi novamente a possessão da planta, e fui lidando com ela ... carinho. De fato, a casa durante o dia era realmente nossa e eu evidentemente não a considerava como um elemento decorativo: tudo ia sendo cuidado em função dela. Quando acordava pela manhã, sempre ia lhe agradecer pela vida que me estava propiciando.

Percebi que havia dois tipos de sonhos. Em sua maioria eram coerentes e sequenciados, ou seja, um se iniciava onde outro concluía. Uma boa parte dos restantes eram incoerentes, assemelhando-se aos que comumente nos ocorrem. Havia ainda aqueles que se encontravam fora do lugar, isto é, não davam sequência à noite anterior, enquanto os da noite que se lhe seguiam era continuação daqueles que antecederam. Isto parece complicado e devo explicar melhor. Por exemplo: o sonho da terça seguia perfeitamente o da segunda, mas o da quarta estava fora do lugar ou era incoerente. Mas o da quinta seguia perfeitamente o da terça.

Certamente, quererão saber onde se passavam os sonhos, se aqui na terra ou em outro planeta qualquer. Devo dizer que tudo ocorreu nesta cidade, e nos locais que eu costumo frequentar. Evidentemente, conheci novas pessoas e fui a lugares a que antes não tinha ido. As ruas mais conhecidas eram perfeitamente identificáveis, mas as vezes tinham prédios nos sonhos que eu não encontrava no mundo comum. E havia também algumas ruas que não encontrei correspondência e também bairros inteiros que não existem, porque, afinal, ninguém vai exigir uma plena fidelidade aos sonhos.

Havia outras particularidades em relação aos sonhos que preciso esclarecer. Eu não podia, por exemplo, querer sonhar. Se eu fosse para a cama disposto a pegar no sono, aí a insônia me tomava e eu só conseguia

dormir quando o dia já clareava. Também não dava certo se eu tentasse dormir à tarde ou a qualquer outra hora: dormia, mas os sonhos que apareciam não tinham nada a ver com a minha vida com a samambaia chorona. Além disso, nos primeiros dias, não tive uma lembrança muito clara dos sonhos. Depois, esta se tornou bem nítida e aí consegui lembrar-me bem claramente dos primeiros sonhos. Pensei em anotá-los mas vi não ser necessário: lembro-me deles com a força e a vivacidade com que qualquer um de nós recorda-se da sua própria vida, em especial os momentos mais felizes ou intensos.

Muito tempo depois de tudo isto ter acontecido, dediquei o meu tempo a extensas leituras sobre os sonhos. Quis ver se havia alguma coisa semelhante ao que acontecera comigo. Achei o Freud muito interessante e até deliciou-me sua maneira de escrever. Vi porém que ele falava de coisas absolutamente diferentes. Li também a respeito de certas iogas que usam os sonhos no processo de libertação. Percebi também uma enorme diferença. Estas técnicas orientais preconizam que o sonho permaneça consciente de que se está sonhando, enquanto para mim isto jamais se deu: quando sonhava considerava tudo que estava a ocorrer como a mais concreta das realidades. Soube também que há algumas tribos da Malásia em cuja cultura o sonhar e o interpretar os sonhos são fatos fundamentais. Para eles, uma boa parte da vida transcorre nos sonhos, onde inclusive são travadas batalhas fundamentais do cerne da existência. Vi então que tinha algo em comum com estes malaios. A minha informação a respeito foi, porém, escassa e quando concluí que teria de importar livros e quase transformar-me em um antropólogo amador, e que isto não traria qualquer resultado prático, desisti de entender tais paralelos.

Não sei se estes esclarecimentos serviram para alguma coisa. Retardaram um pouco o início de meu relato, o que é as vezes bom. Lá vamos nós.

Tinha ido para a cama muito tarde, bem cansado depois de um dia de muito trabalho. Uma grande empresa de roupas industriais solicitara financiamento e a quantidade de informações que tínhamos de examinar era surpreendentemente volumosa. Havia uma exigência de rapidez no parecer e foi uma das poucas vezes que levei trabalho para a casa. As duas e meia deitei-me e logo dormi. Acordei no meio da noite com uma forte indisposição. Fui ao banheiro, vomitei. Sentia-me fraco e me deixei estar por um bom tempo, sentado na borda da banheira. Quando estava voltando para o quarto, percebi que chovia muito e resolvi ir até a sala para fechar as janelas.

Do corredor que dá para a sala, eu sempre podia ver a samambaia e mesmo sonolento e um pouco abalado pelo mal estar não deixei de notar antes mesmo de entrar na sala, que a planta ali não mais estava. Fiquei surpreso, mas instante seguinte, quando lá entrei, dei de cara com uma mulher sentada no sofá.

SAMAMBAIA CHORONA

V

Ela não manifestou qualquer surpresa. Foi logo explicando que era a samambaia chorona e que sabia de tudo acerca de minha relação com a planta. Disse também que tinha certeza de que nos daríamos muito bem e que não fora ao meu quarto para acordar-me para não causar um susto maior. Eu estava nu e ela não pareceu importar-se. Posso dizer que até olhou para o meu corpo com familiaridade. Falou que ouvira-me vomitar e foi para a cozinha preparar um chá. Na cozinha, moveu-se completamente à vontade. Pensei até que iria achar as coisas por si mesma. Tive, porém, de mostrar-lhe onde estavam o chá, o açúcar e a chaleira.

Fui até o quarto colocar uma roupa porque estava um pouco frio e quando voltei o chá já estava na mesa da sala. Sentei-me ao seu lado e ela me olhou nos olhos. Não será obviamente surpresa alguma se eu disser que eram verdes. Esta cor também predominava no vestido leve, bem decotado e justo.

Há pessoas com um ar amarelo, o que não é sinal de saúde. E quando dizemos que alguém está verde, isto é tomado como sinal negativo. No caso desta espantosa visita, posso dizer também que ela possuía um verdor, mas este parecia ser um sinal de vida e de energia. Este verdor sem dúvida lembrava a samambaia. Falei-lhe sobre isto e não pareceu espantar-se. Disse até que estava acostumada a que todos percebessem isto. Diante de meu novo espanto, ela perguntou-me se eu achava que ela havia caído do céu. Nada disso, possuía uma vida como todo mundo. Perguntei-lhe como entrou e ela disse que fora pela porta, que, fui ver, tinha sido apenas encostada por mim. E como teria entrado no prédio?

Que era tão bem guardado? Ela disse que chegara e não havia ninguém e o portão estava aberto. Não fui verificar.

Quando lhe perguntei o nome e ela disse que era Samambaia Chorona. Ri e disse que não era possível. Ela se levantou, pegou a bolsa e dela tirou a carteira de identidade, que me entregou. Vi a sua fotografia e nome: Samambaia Chorona de Freitas.

Quis continuar a fazer perguntas. Ela disse que teria todo o meu tempo para isto, mas que era melhor ir dormir. Fomos para o quarto. Já era dia e pude ver o seu corpo quando se despiu antes de deitar-se ao meu lado. Ela me deixava muito excitado e logo nos abraçamos. Vi que tinha um cheiro de mato realmente delicioso. Era um pouco adocicado, mas nada incomum porque muitas mulheres apreciam perfumes silvestres. Percebia depois que ela sempre tinha este cheiro, mesmo após o banho.

Esta primeira vez que eu a tive, senti que tais delícias eu não tinha experimentado. Seus abraços, beijos e a sua voz faziam com que eu me perdesse inteiramente e quando eu a penetrei, estremeci de um modo jamais visto. No entanto, instantes depois, ela se desprende de mim e virou-se para o lado, começando a chorar. Perguntei o que era e ela disse que um problema antigo a incomodava e que me contaria. Disse que ia dormir e que eu fizesse o mesmo.

Quando acordei, não era muito tarde. Ela não se encontrava mais no quarto e não a achei em casa. Pensei obviamente que tudo era um sonho, mas as xícaras de chá estavam na sala e perto delas, vi o bilhete, em que dizia que voltaria à noite com as suas coisas.

Aqui termina o primeiro sonho. Fiquei esperando o dia inteiro que chegasse a noite, para ver o que aconteceria. Não outras noites, eu

raramente ficava tão ansioso para viver a continuação do sonho, pois entrava, digamos assim, em uma rotina. Isto certamente teve exceções.

Sem dúvida, um dos aspectos mais estranhos do sonho foi a evidente dificuldade sexual da minha futura... não sabia o quê. Estava um pouco acostumado a presenciar dificuldades sexuais das mulheres, especialmente no que toca a orgasmo. Achava uma ironia isto aparecer em sonho, sabendo, todavia, que se podia esperar tudo e não apenas deleites.

A razão do problema eu soube na mesma noite. Havia eu chegado em casa às 7 horas – no sonho, nem preciso dizer – e estava tomando banho, quando tocaram a campainha. Era Samambaia Chorona, que me saudou com um sorriso. Tinha ao seu lado uma mala de tamanho razoável, que eu trouxe para dentro. Fiquei muito feliz e abracei-a na sala. Ela retribuiu com um beijo que, acho, jamais esquecerei. Bebemos um vinho, um pouco depois ela me pediu para ajudá-la a guardar a roupa.

Enquanto bebemos e, mais tarde, nos momentos em que passamos juntos colocando a roupa no armário embutido, não consegui conter a minha curiosidade. Eu não deixava de sentir invadida a minha casa, embora estivesse satisfeito com a invasora. E o desaparecimento da samambaia? O jarro ainda se encontrava lá, mas nenhum sinal da planta, que desapareceu sem que a terra apresentasse qualquer sinal de sua remoção. E como chamar a minha doce visita que já se tornava mais do que minha hospede? Samambaia Chorona? Era de fato o nome que se encontrava na sua carteira de identidade. E o que ela pretendia? O que sabia de mim? Acho que qualquer pessoa ficaria com tantas perguntas na cabeça.

Com muita paciência e quase sempre com um sorriso bem doce ela foi esclarecendo tudo. Disse que todo mundo chamava-a de Samambaia

mesmo, mas que se eu quisesse poderia tratá-la por Ba. Acabei por chamá-la sempre de Samambaia, nunca conseguindo, porém, dissociar este nome da planta. Contou-me que realmente era tanto ela mesma quanto a samambaia que existia na minha sala e que agora era uma só pessoa. É certo que isto não me convenceu, mas vi um dia que ela não estava me enganando e tais fatos serão relatados a seu tempo, embora eu possa adiantar que ao lado do seu cheiro de mato, Samambaia tinha algumas características de vegetal.

A naturalidade com que disse que era minha esposa espantaria qualquer um. Eu estava segurando dois cabides com vestidos, enquanto ela dobrava a calça e perguntei como é que era isto. Ela disse que se eu quisesse, fizesse questão, iríamos conhecer os pais dela e poderíamos até casar no civil e no religioso. Ou se eu quisesse ela iria embora.

Ela não falou com um ar desafiador, nem de alguém que estivesse certo da minha resposta. Revelava em suas palavras um modo de ser que tantas vezes encontrei depois e que sempre amei. Era uma certeza de que havia um entendimento entre nós que poderia tudo suportar até a separação. Sei que isto pode ser entendido como uma espécie de convicção tranquila de direitos legítimos. Aqui o entendimento do que seja uma planta talvez ajude a esclarecer. É claro que os animais tem o seu lugar, o seu habitat, mas uma planta possui mais do que isto: ela se encontra fincada em um ponto do solo – pelo menos a maioria delas – e aquele é o seu lugar. A resposta da Samambaia poderia ser comparada a de um pé silvestre qualquer que nasceu em um pedaço de terra. Digamos que as raízes dela já estavam dentro de mim.

Que poderia eu fazer senão silenciar e ir até ela e abraçá-la? Largamos o trabalho da arrumação e eu a lancei na cama. Ela não aceitou a ideia e

disse que precisava me explicar qual era a sua dificuldade, o que fez com grande tranquilidade enquanto continuamos a arrumação.

Contou que desde pequena era uma menina muito sociável que gostava de brincar com as crianças da rua e conversar com os vizinhos. Morava em uma rua do Grajaú, onde havia somente casas. Um de seus vizinhos era um político, um senador que passava parte da semana no Rio e o resto do tempo em Brasília. Ela costumava brincar com seus filhos e passava muitas tardes na casa do senador Soares, conforme me disse ser o nome do vizinho.

Ela tinha acabado de fazer dez anos. Estava na casa do senador, brincando com o filho dele, quando foi chamada às pressas em casa. O seu pai estava passando mal e quando chegou, uma ambulância já se encontrava diante do portão. O pai tinha sofrido um ataque de coração e quando ocorreu a sua remoção para a ambulância, chegou o senador. A sua mãe, que soluçava muito alto, foi consolada pelo senador que lhe dizia que iria fazer tudo o que fosse possível.

Samambaia disse que naquele dia soube pela primeira vez que os negócios do pai – uma cadeia de lojas de tecidos – passavam por grandes dificuldades. Ouviu do próprio senador a afirmação de que a culpa não era do seu pai, mas da economia e que o grande responsável era o governo. O senador prometeu à sua mãe que faria o possível e o impossível para melhorar a situação.

Esta conversa deu-se fora do quarto onde o pai se encontrava, numa pequena sala de estar daquele andar do hospital. A mãe estava muito abatida e ouvia o político sem conseguir prestar muita atenção. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, tendo atendido quando Samambaia lhe pediu colo. Assim, sentada, Samambaia sentiu pela primeira vez toda a

força e o encanto do senador, que até aquele momento tinha sido apenas o pai de seus colegas de brincadeiras. Ele tinha um rosto largo, os cabelos pretos e também era preto o seu bigode. Eram os olhos, também negros que muito a atraíram e nos dias seguintes, sentia como se os visse por toda parte chegando até a sonhar com eles.

O pai de Samambaia demorou-se por mais de um mês no hospital e com ele ficava sua mãe. O estado de saúde dele ficara estacionário e embora todos falassem em melhoras, havia no ar muito medo de que as coisas se complicassem. Samambaia dormia às vezes no hospital e outras em casa, porque tinha de ir à escola. As vezes ia à tarde ao hospital e numa destas tardes o senador apareceu em sua casa e ofereceu-se para levá-la, dizendo que queria ver o seu pai. Aceitou, vestiu-se rapidamente e entrou no carro.

Logo percebeu que o senador não ia na direção do hospital. Não se importou porque se sentia bem a seu lado e até pensou que com ele iria a qualquer lugar. Viu que estavam indo na direção da Floresta da Tijuca e falou que aquele não era o caminho do hospital. O senador lhe disse que não era mesmo e que a levava para aquele lugar porque precisava falar com ela. Depois de dizer isto, ele entrou em uma pequena estrada de barro e estacionou. Samambaia sentiu que alguma coisa ia acontecer e teve vontade de sair correndo, mas também sentiu prazer de estar ali com o homem. Ele pôs a mão em seu corpo e foi logo dizendo que o pai estava precisando de ajuda e que ele iria dá-las mas com uma condição: que Samambaia se tornasse sua namorada. Ela ficou horrorizada e ao mesmo tempo não sentia forças para recusar.

Nos meses seguintes, mesmo depois do pai ter saído do hospital e voltado a trabalhar, o senador marcava encontros com ela, dois ou três

quarteirões distantes de sua casa e dali partiam para motéis. Ele nunca a tocava, apenas pedia que ficasse despida e ficava a olhá-la enquanto se masturbava. As únicas vezes em que lhe encostou as mãos foi para tocar os pequenos seios.

Samambaia achava as coisas excitantes no começo pois nem sabia direito como eram as relações sexuais e pensava que não passava disto. Também se sentia como a namorada do senador e morria de ciúmes quando a via com sua mulher. Umas poucas vezes tentou contar tudo para os seus pais, mas não teve coragem, ainda porque o senador realmente ajudara a reerguer os negócios de sua família.

Samambaia e eu havíamos terminado de arrumar suas coisas e continuamos a conversa na sala. Havia um jantar deixado pronto pela empregada. Pedi-me para por a mesa enquanto esquentava a comida. Quando nos sentamos para jantar, ela continuou a história, dizendo que os encontros com o senador duraram menos de seis meses, pois aconteceu um escândalo que obrigou-o a refugiar-se em uma fazenda em Mato Grosso. Quando ouvi isto, vi que devia ser obviamente o tio de Carlos, que me chamara a Brasília e que me dispensara depois do suicídio de uma menina. Era exatamente o mesmo.

Acho que ninguém vai achar nada improvável encontrar-se um conhecido no sonho. Ao contrário, trate-se de um fato muito comum nos sonhos, ocorrem outras coisas mais espantosas: conhecidos que nos desconhecem ou que desconhecemos. Outra pergunta que pode ser feita é a seguinte: lembrava-me eu da minha vida anterior a esta que transcorria no sonho? A resposta é positiva e não somente me recordava como também é preciso que fique esclarecido de uma vez por todas que a vida no sonho era uma perfeita continuação daquela que percebera o momento

em que a samambaia da sala – chamemo-la assim para não confundir com esta que se estava tornando minha esposa – avisou-me do que estava por vir.

Samambaia quis saber detalhes sobre o meu encontro com o senador e eu lhe contei. Não pude notar, porém, que havia uma defasagem entre o tempo do sonho – em que o episódio do suicídio da menina ocorrera há vinte anos – e na minha vida extra-sonho, quando o acontecimento tivera lugar há menos um ano.

O motivo de todos os problemas da Samambaia não era apenas o que acontecera em seus tempos de menina. Passados os vinte anos, o senador voltara à cena política e com o seu poder de persuasão e sua capacidade de articulação tornara-se de novo um líder político. O seu grande tema era agora a ecologia e vivia percorrendo o país, fazendo pregações e obtendo adeptos aos milhares. Mas não retornara apenas à política. Voltara também procurar Samambaia e queria tê-la para si. Era isto que a perturbava, porque sabia que ele tinha um enorme poder sobre ela.

A quanto poder ele dispunha não demorei muito a descobrir. Antes, vivi um ... normal com Samambaia. Ela trabalhava em uma fábrica de papel como engenheira e saía para lá bem cedo. Acostumei-me a acordar sozinho, tomando o café tranquilamente enquanto lia o jornal. Durante semanas vivemos como um casal que já está junto há bastante tempo. Conheci alguns amigos dela, gente com quem tinha trabalhado. Jogávamos buraco, víamos televisão com eles. Os momentos de alegria ocorriam quando se tomava cerveja gelada e as conversas eram meio tolas de pessoas sem grandes sonhos e que também não conheciam grandes

fatalidades. Senti que serviriam como uma espécie de acolchoado para a nossa felicidade.

Já estava eu achando tudo muito bom, mas pacato demais, quando em uma noite, Samambaia não apareceu. Isto me trouxe alguma agonia. Tive ímpetos de telefonar para os amigos dela, mas não quis aparecer alarmando. Tentei me controlar, vendo televisão, lendo. Não adiantou e a única coisa que eu conseguia fazer era esperar. Passava de meia noite quando fui deitar e não tive dificuldade de adormecer.

Quando acordei, ainda cedo, vi que ela não tinha aparecido. Devia ao menos ter telefonado. Apesar de estar me sentindo um pouco deprimido com a situação, não sabia de que suspeitar e sempre pressentira que ela sumiria como apareceu. Mais tarde, no trabalho, telefonou-me. Parecia angustiada e disse que estaria em casa de noite e explicaria tudo.

Quando deixei o trabalho não consegui ir direto ao estacionamento. Fiquei andando pela cidade, como se estivesse procurando alguém. Entrava e saía de bares, sem sentar-me ou tomar qualquer coisa. Encontrei um amigo, que começou a contar como a sua sogra morrera, narrando os detalhes com um certo humor negro. Ela tinha sofrido um enfarte e como a ambulância demorava, foram todos para o hospital de camburão. Eu prestava pouca atenção, impaciente para continuar andando assim sem destino. Quando cheguei em casa, eram dez horas e Samambaia me esperava na sala.

Esperava encontrá-la mal e até chorando. Ao contrário, estava bem arrumada, e sorridente. Sua beleza parecia realçada e até o seu verdor acentuara-se.

Foi logo contando que estivera com o senador e que não podia deixar de ter ido quando ele a convidou para sair. Disse que o senador queria

mesmo ficar com ela. Perguntei onde estiveram e o que tinham feito e contou que foram a um motel de onde saíram quando o dia já estava bem claro. Não me contive e gritei com ela dizendo que podia ir embora. Enquanto ela pedia que eu entendesse e que estivera com o senador para ver se podia livrar-se dele. Então fiz uma coisa que eu mesmo estranhei. Exigi que ela tomasse um banho, que eu a lavaria toda.

Foi um processo de purificação. Não quis banhar-me com ela e nem tirei a minha roupa. Vestido e molhando-me todo, comecei a lavar aquela corpo como quem lava o chão sujo. Fiquei longo tempo lavando seu sexo, a principio em silêncio e depois dizendo que se ela fizesse aquilo de novo, podia ir embora. Foi quando esfreguei com mais força um de seus grandes lábios e ele se destacou. Fiquei com aquele pedaço de carne na mão, não sabendo se o lançava fora ou tentava recolocar no lugar, quando Samambaia procurou me acalmar contando que ela era assim mesmo e que eu não me preocupasse. Enquanto eu a enxugava, ela me disse que tinha alguma coisa de planta porque um ou outro pedaço do seu corpo as vezes caía mas não levava muito tempo e crescia outro. Perguntou se eu queria ver outra coisa e tirou um pequeno pedaço do bico do seio, que colocou na palma de minha mão e disse que daqui dois ou três dias, estaria reconstituído.

Nem bem eu me recuperara de minha ira e desta surpresa com os pedaços de Samambaia, a campainha tocou e fui atender. Estava diante de mim um homem de quase setenta anos, todo vestido de verde e com um chapéu feito de galhos de árvores trançados. Na mão segurava um regador. No momento em que ele respondeu quando lhe perguntei o que desejava, vi que era o senador. Falou que viera conversar comigo e com Samambaia e pediu para entrar. Entrou e depois de colocar com cuidado o

regador no chão, sentou-se. Eu ainda estava com os pedaços de Samambaia na mão e ela, tendo ouvido que acontecera, chegou à sala enrolada na toalha. Quando os dois se encontraram vi que havia realmente algo muito forte unindo-os e duvidei de minhas forças eram suficientes para separá-los e para tê-la só para mim.

O senador não me reconheceu. Começou a falar que tinha vindo buscar Samambaia e que não sabia que ideia tinha sido esta de vir para a minha casa. O seu tom era de uma conversação normal mas daí a pouco parecia fazer um discurso. Dizia que a campanha ecológica precisava de uma rainha, de uma mulher que simbolizasse a natureza e Samambaia era tal rainha. Deu então ordens a Samambaia que arrumasse todas as coisas e que fosse com ele. Quando eu protestei e lhe disse para sair imediatamente, ele disse que o traído não era eu mas ele e que deixasse Samambaia ir porque seria melhor para mim.

O sangue me subiu à cabeça e, enquanto Samambaia lhe dizia que não iria embora, comecei a gritar, chamando-o de aproveitador de crianças e de tarado. Isto pareceu afetá-lo muito pouco e ele disse que iria embora mas voltaria porque Samambaia era sua. Quando saiu, Samambaia me abraçou e vi que tremia. Ela me disse que a luta seria muito difícil, pois o senador tinha uma energia incalculável e tentaria de tudo.

Nos dias seguintes, voltamos a viver em paz, embora, durante a noite, Samambaia me acordasse com gritos e choros. Quando eu lhe pedia para contar os seus sonhos, ela dizia que não tinha importância. Afora estes eventos noturnos, a nossa convivência era tranquila e cheguei a pensar que o perigo passara. Estava errado. O senador voltara, não ao meu apartamento, mas como se fosse um cerco geral. Ele estava diariamente na televisão, dando entrevistas. Organizava passeatas ecológicas por todo

o Brasil e num prazo de uma semana, estivera com o presidente da república por duas vezes. Todos os meios de comunicação falavam dele com a maior simpatia e constituía objeto de curiosidade geral como conseguia tanta energia aos setenta anos. Sobre isto, ele deu uma longa entrevista, que recebeu a maior audiência de programas de televisão do país, nos últimos cinco anos. Ele explicou que tomava determinadas ervas, que nos dias seguintes, começaram a ser vendidas em uma grande cadeia de supermercado, formando-se filas para adquiri-las. No mesmo programa de televisão, ele falou sobre Samambaia, dizendo que a ecologia teria em breve a sua líder. Ela ficou tão alterada quando ouviu isto que arrancou o bico do outro seio e lançou-o no chão, gritando que tinha de protegê-la.

Prometi fazer tudo que fosse preciso e também quis saber mais sobre o seu corpo, pois recolhera do chão o bico do seio. Ela pareceu enraivecida com as minhas perguntas, mas disse que iria me contar. Explicou que havia mesmo alguma coisa de estranho em seu corpo. Seu coração e seus pulmões não tinham crescido e permaneciam de tamanho infantil. Também, embora pudesse comer de tudo, bastava água e sol para se sentir bem e alimentada. E ela disse que era isto mesmo: tinha alguma coisa de planta, que não sabia explicar. Perguntei se algum médico já a examinara. Soube então que ela ia muito pouco a médicos e que muito raramente ficava doente. Na última vez que fora, havia mais de dois anos, o médico notara o pequeno tamanho de seu pulmão e ela ficara de voltar lá o que jamais fizera.

Não sei como o senador, tão envolvido com tantas campanhas ainda encontrava tempo para ligar para a casa, falando tanto comigo quanto com a Samambaia. Voltava a insistir e me prometia o que eu quisesse: emprego, dinheiro, outras mulheres, que eu pedisse qualquer coisa.

Samambaia recusava-se muitas vezes a falar com ele, quando atendia tentava ser seca, mas daí a pouco estava conversando animadamente.

Vendo para onde tudo caminhava, resolvi tomar uma providencia. Achava que a maioria do público ignorava acerca do caso da menina suicida. Liguei para um jornalista conhecido e contei-lhe a história. Ele disse que mesmo se fosse verdade, ninguém gostaria de provocar o público com uma história destas. Prometeu, entretanto, que daria a história para outro jornalista que talvez se interessasse.

Em menos de uma semana, a história estava nos jornais. Eu tinha contado a Samambaia o que iria fazer e ela concordara. Realmente, um outro jornalista interessara-se pela história e conseguira desencavar não apenas o noticiário da época, como ainda uma tia da menina morta, pois seus pais já haviam falecido. O escândalo foi grande, mas de nada adiantou. O senador defendeu-se muito bem, dizendo tratar-se de calúnias inventadas por multinacionais e donos de terra. O público ficou com ele e, em dez dias, ninguém falava mais no assunto.

O senador conseguiu saber que eu estava por detrás ou simplesmente desconfiou. Mandou um assessor me procurar no trabalho, que me chamou para uma conversa. Atendi-o de má vontade. Era um jovem cheio de botões ecológicos e com muitas tatuagens no braço e o eu ar era ameaçador. Não aceitei o seu convite para ir até embaixo para tomar café. Mandei-o sentar e que dissesse a que tinha vindo. Contou-me que o senador sabia de tudo e que desta vez me perdoava e que eu não fizesse mais isto.

Nos dias seguintes, o senador telefonou, procurando Samambaia, que se recusou a atendê-lo. Eu mesmo, quando ouvia a sua voz, desligava

imediatamente. Acabei perdendo a paciência e lhe disse que se continuasse a insistir, eu partiria para a violência.

Eu via que Samambaia ficava muito afetada por toda a situação. Estava nervosa, dormia mal e voltou a ter dificuldades sexuais. Nestes dia, o único momento mais divertido foi quando me mostrou o bico do seio inteiramente reconstituído e o grande lábio quase do tamanho normal. Perguntei-lhe brincando se ela não podia dar os seus olhos e ela disse que não tinha certeza de que nasceriam novamente. Pensei então que deveríamos sair da cidade e ficar morando no sítio, onde o senador teria dificuldade de nos achar. Samambaia disse que não adiantaria muito porque o senador possuía meios de nos encontrar. Mas acabou aceitando a ideia.

Esta conversa tinha sido de manhã, antes do trabalho, e combinamos que, à noite, iríamos para o sítio. Seria um pouco mais complicado, especialmente para ela, ter de ir ao trabalho todo dia. À noite, arrumaríamos as coisas e iríamos embora. Eu achava que iria dar certo e que passando mais tempo o senador acharia outra líder para a sua movimentação ecológica e esqueceria Samambaia.

Quando estava voltando para casa, tive uns pensamentos ruins. Tinha sido um dia de trabalho muito complicado, pois o dono de uma empresa, que tomara grandes empréstimos, suicidara-se e a dívida, caso não fosse paga, o que era bastante provável, causaria um certo abalo no banco. Não se sabia, porém, se as razões eram econômicas ou de outra natureza. De qualquer forma, sentia-me ligado à situação, pois tivera uma influência na liberação dos empréstimos. Pensava sobre isto, quando, na pista da Praia de Botafogo, um dos pneus estourou. Tive de andar um pedaço até poder parar, porque o trânsito estava bem intenso. Subi na calçada para trocar o pneu, mas quando fui pegar o sobressalente, vi que tinha vazado o ar e

que estava inteiramente vazio. Para conseguir alguém que me levasse a um posto para encher a câmara gastei quase meia hora e outro tanto para voltar e trocar o pneu.

Quando entrei no edifício, passava das oito. Pensei que Samambaia estaria preocupada e que, depois de arrumar tudo, chegaríamos muito tarde no sítio. Quando entrei no apartamento, vi que não havia ninguém na sala e ouvi umas respirações fortes no quarto. Fui até lá e vi no corredor roupas espalhadas pelo chão. Quando cheguei ao quarto, lá estava o senador sobre Samambaia. Fiquei olhando por uns momentos, sem nada dizer, até que ela me notou. Quando me viu, imediatamente repeliu o senador, que foi lançado para fora da cama.

Samambaia correu na minha direção aos gritos. Disse que o senador tinha de morrer porque ela não conseguia escapar dele e era impossível negar-lhe qualquer coisa. O senador ia erguer-se, quando escorregou no próprio chapéu e, para não dar de cara no chão, teve de segurar-se numa pequena poltrona. Ele olhava para mim com um ar do mais completo desamparo e senti-me senhor da situação.

Fui rapidamente ao outro quarto, onde peguei um pilão de madeira. Quando voltei, o senador ainda estava imóvel e Samambaia gritava, chegando a me empurrar na direção dele. Ao chegar perto, com o pilão levantado, não vi da parte dele qualquer movimento defensivo. Dei-lhe uma pancada na cabeça e ele foi ao chão. Continuei batendo até que a sua cabeça ficasse esmagada.

Nesse momento, caí em mim. Sentei-me na cama e fiquei olhando o corpo, ainda segurando o pilão. Samambaia sentou-se ao meu lado, rindo e chorando ao mesmo tempo. Abraçou-me, dizendo que agora poderia ser uma mulher e que eu veria.

Agora, teríamos de nos livrar do corpo. Samambaia disse que seria melhor no dia seguinte, mas ponderei que sempre tinha ouvido falar que os defuntos começam logo a cheirar mal. Ela sugeriu que de manhã fôssemos comprar formol que resolveria tudo.

Depois de limpar o chão do quarto que estava cheio de sangue, colocamos o corpo do senador, que não era uma pessoa muito corpulenta, na banheira, que cobri com jornal. Tomamos um longo banho, quando, como da outra vez, eu a lavei. Em seguida, vestimo-nos para sair e, como ela estivesse demorando um pouco, liguei a televisão. Por coincidência, quem estava sendo apresentado era o senador, que falava sobre ecologia e amor. Fiquei assistindo sem sentir nenhuma emoção e quando ouvi que ela vinha para sala, desliguei o aparelho.

Fomos jantar fora, o que tínhamos feito apenas duas vezes, o tempo todo que estávamos juntos. Escolhemos um restaurante da moda, porque seria bom um lugar alegre e barulhento. Bebemos e comemos bastante e de lá saímos, já no meio da madrugada, meio embriagados e satisfeitos. Ela propôs um motel e para lá fomos. Acho que esta foi a nossa primeira noite verdadeira, livre, feliz. Ela se entregou e eu a acolhi como nunca tinha acontecido e, apesar de tensos e cansados, não dormimos. Conversamos muito e a todo momento ficávamos excitados de novo.

De manhã, discutimos se não seria muito suspeito não ir ao trabalho. Decidimos voltar ao apartamento, trocar de roupa e ir para o trabalho. Em casa, não parecia ter acontecido nada. O corpo não cheirava ainda e tudo estava limpo. Aí me lembrei que era o dia da empregada diarista. Como nos livrar dela? Deixá-la em casa não seria possível. Dizer para não trabalhar seria estranho. Samambaia sugeriu que a mandasse ao sítio para pegar alguma coisa. Achei boa a ideia e havia mesmo coisas a fazer no

sítio. A empregada poderia levar o cheque para o pagamento do caseiro. Samambaia saiu e fiquei esperando até a empregada chegar. Despachei-a e depois parti para o trabalho.

Durante a hora do almoço, comprei cinco litros de formol. Samambaia me havia instruído como aplicá-lo, mas não consegui injetar direito o líquido. Achei melhor tirar a roupa do corpo e jogar sobre ele o formol. Funcionou, porque, à noite, quando chegamos junto ao apartamento, só havia o cheiro do formol que se tornava intenso no banheiro, e mais suave nas outras peças. Combinamos que o corpo seria levado para o carro de madrugada pelo elevador de serviço. Saímos novamente, porque o cheiro do formol era desagradável. Jantamos fora, quase esquecidos de tudo, e bem tarde, chegamos em casa e fizemos tudo que fora combinado, sem contratempos. Com o corpo na mala do carro, saímos à rua, ainda não decididos sobre como nos livrar dele.

No restaurante eu havia ouvido comentários sobre o desaparecimento do senador. Agora, no carro, ligara o rádio para ver se ouvia muita coisa, mas nesta hora da madrugada não havia noticiário.

Ao meu lado, Samambaia continuava em um estado de alegria e o seu rosto mostrava um alívio de tensões que eu nunca notara. Os nossos pensamentos estavam tão sintonizados que tivemos a mesma ideia: levar o corpo para perto de uma estrada longe da cidade e tocar fogo. Eu tinha bastante gasolina no tanque e um meio de retirá-la.

Antes de chegar à estrada, fomos parados por uma blitz. Estranhei porque já era bem tarde e fiquei muito tenso. Samambaia não ficou nervosa e me disse que não iria acontecer nada. Paramos, o policial olhou para dentro do carro, deu-me boa noite e mandou seguir, sem pedir documentos. Respirei aliviado. Sabia que, se o nosso crime fosse

descoberto, teríamos toda a sociedade contra nós, pois até crianças haviam fundado clubes de defesa ecológica com o nome do senador.

Encontramos uma pequena estrada de terra, depois de ter andado uns cinquenta quilômetros. Entrar, retirar a gasolina e queimar o corpo não foi muito complicado. A fogueira ficou muito alta e pensei que isto poderia atrair a atenção de alguém. O cheiro de carne queimada deu-me náusea. Quando entramos no carro, vimos que ainda cheirava a formol, mas logo depois não se sentia mais nada.

Os dias seguintes foram de alegria para nós e de emoção para o povo em geral. Por mais que eu tenha imaginado a reação de todos à morte do senador, tudo o que pensei estava aquém do que ocorria. Trinta por cento de todas as crianças nascidas em território nacional tiveram o seu nome no dia seguinte àquele em que se confirmou o seu desaparecimento.

O corpo que havíamos incinerado não fora identificado e isto me parecia bastante estranho. E também achei estranho que ninguém o tivesse visto entrar no meu apartamento, apesar de sua maneira espalhafatosa de vestir-se: todo de verde, como já disse, e com um chapéu feito de galhos de árvores. Imaginei que tivessem confundido o seu corpo com o de algum marginal, pois sempre foi comum livrar-se de cadáveres na área em que queimei o seu corpo.

É um sentimento pouco comum aquele que tivemos, eu e Samambaia: enquanto o país inteiro chorava, nós podíamos nos amar sem qualquer obstáculo. Nos primeiros dias chegamos a prestar um pouco de atenção no noticiário: as buscas, as homenagens, as hipóteses. Depois de uns dez dias, nada tendo sido achado e o senador não tendo mais nenhum cargo, as coisas foram se tornando menos intensas. Da primeira página dos jornais, ele foi para a quinta e em pouco menos de três semanas, tornou-se

uma pequena nota na página policial. O próprio movimento ecológico foi tomado por outros problemas: um grupo de mulheres feministas e ecológicas resolveu formar o seu próprio movimento. E, daí a pouco, os ecologistas estavam divididos em vários grupos, que mais pareciam um mosaico.

Nos primeiros dias, até que ficávamos sobressaltados, quando sentíamos algo de estranho: um movimento perto do prédio, um telefonema fora de hora. Mas, um mês depois, toda a situação vivida com o senador tomou a aparência de um pesadelo que, depois de passar, deixa de incomodar. E começamos a viver momentos de felicidade que já se encontravam prefigurados na noite do assassinato, no restaurante e depois no motel. Não nos molestava nem um pouco que a nossa vida se tornara possível a partir do assassinato, que nunca consideramos realmente um crime. Confesso que cheguei a pensar que todo o mundo deveria ter esta experiência: matar um grande inimigo não somente desimpede um caminho como ainda nos propicia uma oportunidade única de sentir a nossa força em um ato inteiramente irreversível. Nunca tive o menor sinal de arrependimento, porque estava certo de que se eu não o tivesse matado, seria por ele destruído. Portanto, parecia o crime perfeito: não fora encontrado o cadáver e eu, o autor, não senti qualquer remorso. Já Samambaia sentia algumas coisas, que não quis confessar e só o fez depois de eu ter insistido muito. Não era bem um remorso, porque fora ela mesma que me pedira para matá-lo e ela sabia que não havia outra solução. Mas comparou a situação com a extração de um dente: não há outro jeito, mas durante algum tempo sente-se a sua ausência.

Durante três meses vivemos em uma felicidade crescente, apenas ameaçada por um fato que logo relatarei. E quanto melhor estava nosso

relacionamento, mais se acentuava a natureza vegetal de Samambaia. Uma das coisas que ocorreram foi ver Samambaia tornar-se mais viçosa e também mais silenciosa. Seu silêncio não era algo morto. Também, para tantas situações, as palavras nos eram dispensáveis: ela quase sempre parecia saber exatamente o que eu pretendia dizer. Consegui assim mesmo que me contasse a origem de seu nome e o que sentira com esta maneira de ser vegetal na sua infância e adolescência.

A história de seu nome é realmente muito interessante. Alguns dias antes de seu nascimento, sua mãe estava andando na rua em que moravam – aquela mesma no Grajaú em que tinha sido vizinha do senador – quando apareceu uma cigana que se ofereceu para ler a mão. A mãe de Samambaia estava realmente querendo isto e gostou da coincidência. A cigana disse que a mãe estava em grande perigo e que seria salva por uma planta. Mas não lhe disse, e a mãe de Samambaia pensou que cairia doente e um chá lhe restituiria a saúde.

O que aconteceu parece realmente inverossímil. Poucos dias antes do parto, a mãe de Samambaia estava passando em uma rua do centro, perto da Praça da Cruz Vermelha. Eram umas três da tarde e o dia era sábado. Em geral, durante a semana, a rua fica com bastante gente, mas no fim de semana não há quase ninguém na rua. Talvez aproveitando-se deste fato, dois homens aproximaram-se de um terceiro e, enquanto um o segurava, o outro o apunhalou um grande número de vezes. Neste momento, entrou na rua uma quarta pessoa que se espantou com o que acontecia. Certamente, para evitar testemunhos, os dois deixaram a pessoa atacada estendida na rua e foram na direção do que passava e lhe deram dois tiros. Não notaram, porém, a mãe de Samambaia, que conseguira ficar escondida por detrás de samambaias choronas que pendiam de uma sacada de uma

casa. Na amurada da sacada que ficava a cerca de dois metros da calçada, havia muitos vasos de plantas, dentre os quais uns três ou quatro de samambaias choronas.

Este fato foi considerado um milagre e a cigana foi procurada para contar-lhe, mas não a acharam. O nome de Samambaia seria Marisa – havia já um acordo entre seus pais – mas resolveram mudá-lo para Samambaia Chorona. O nome não foi considerado estranho, porque a história sobre as previsões da cigana espalharam-se. Só bem mais tarde, quando saiu do círculo familiar e suas relações deixaram de resumir-se à vizinhança, é que o espanto foi maior. Mas nesta época ela já se encontrava tão acostumada que não foi difícil contornar tudo, inclusive as brincadeiras mais agressivas que colegas de escola costumavam fazer.